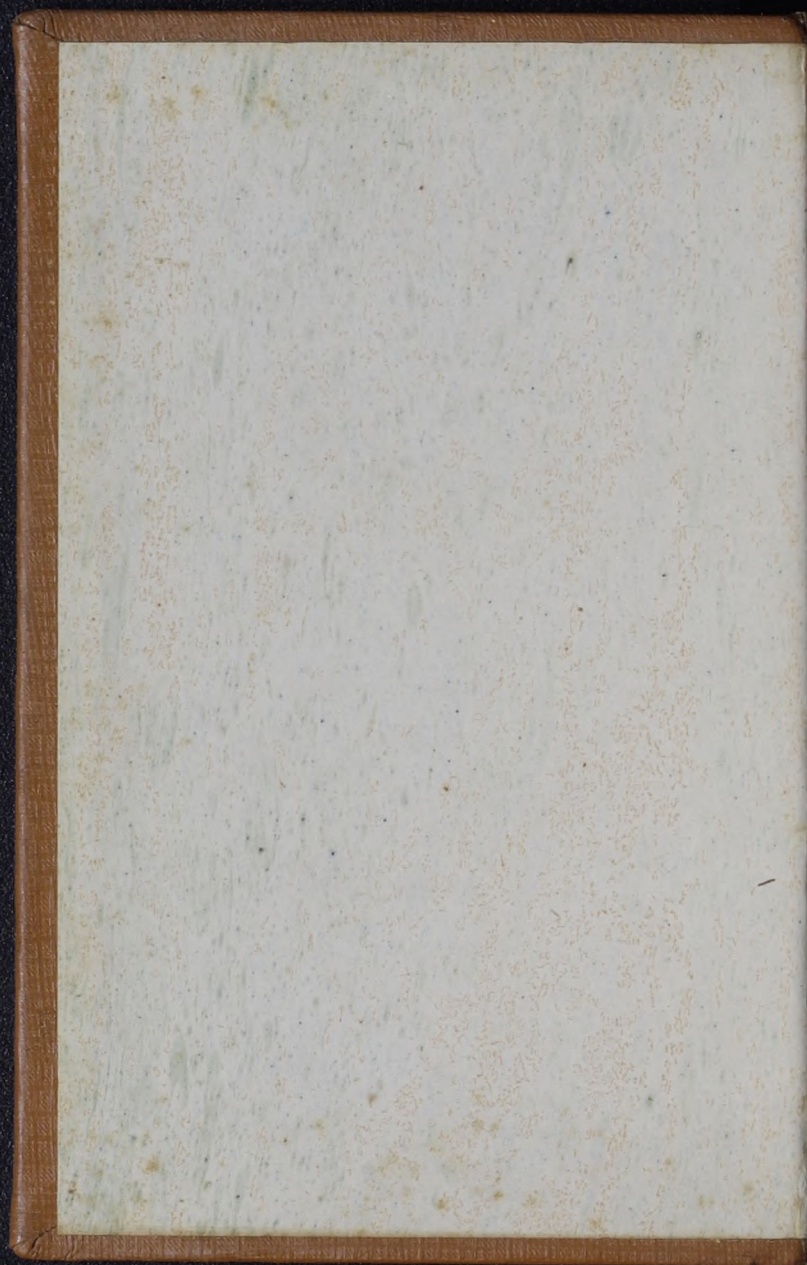
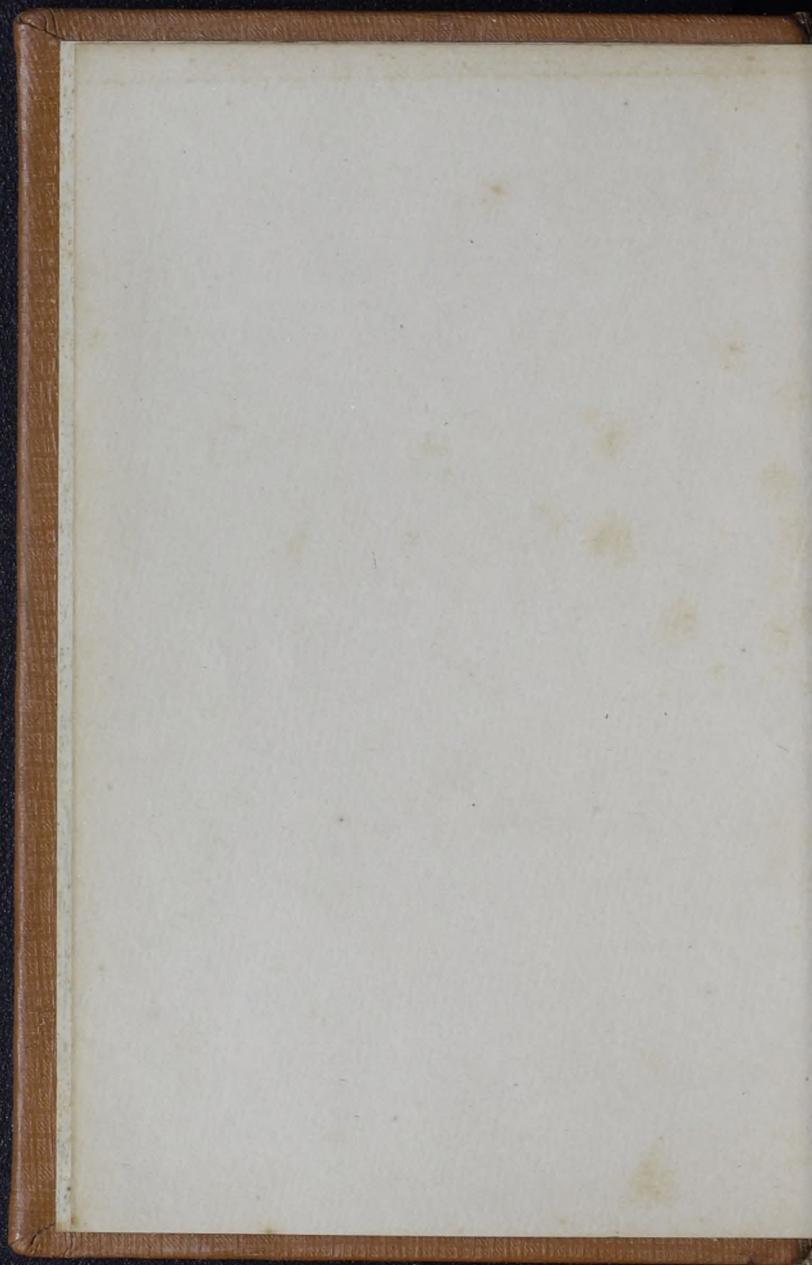


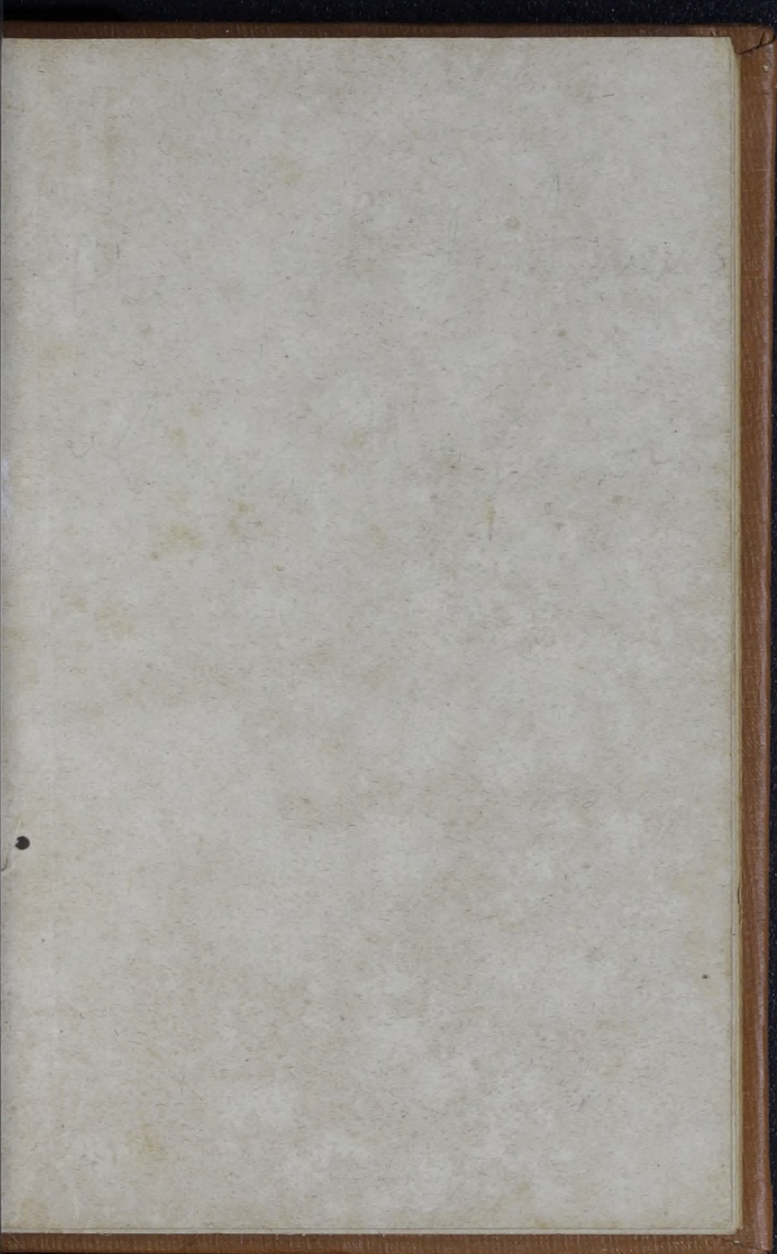
B. M. O. L.

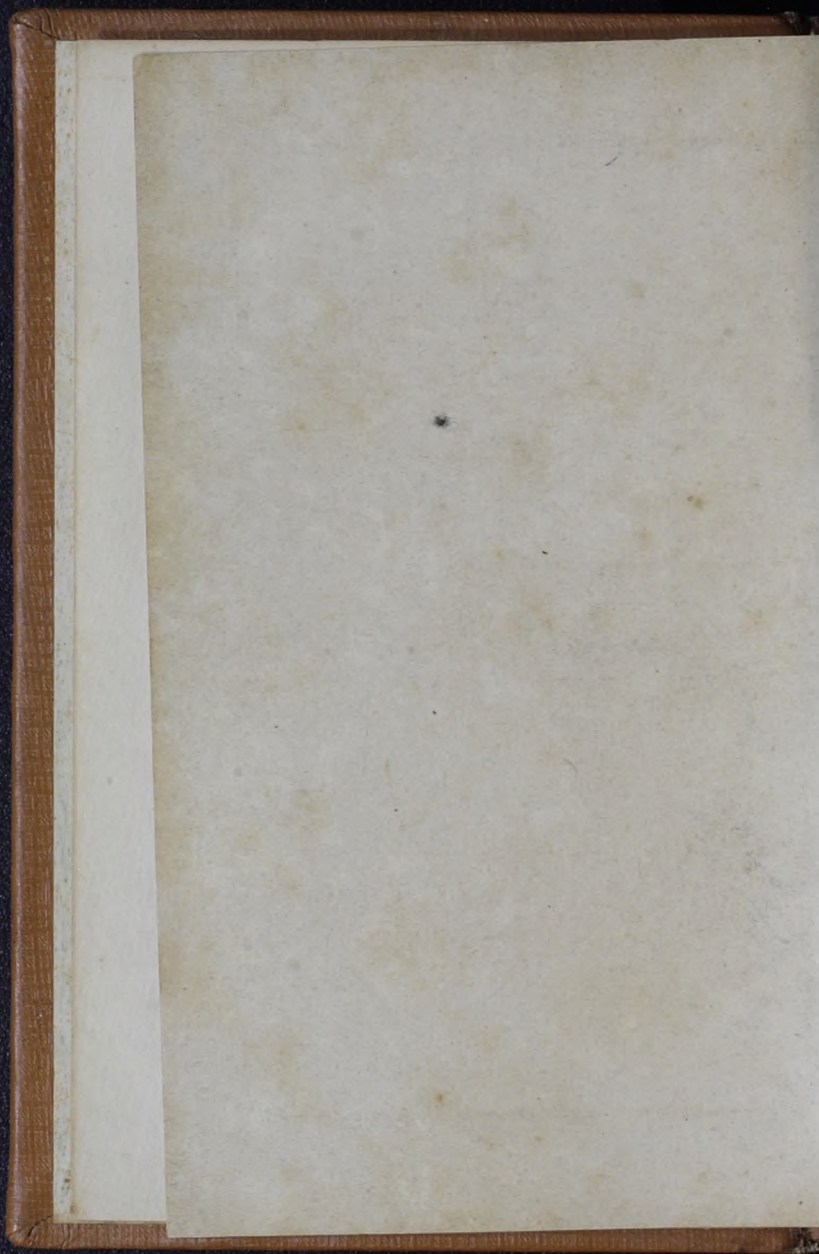


60+8









Carlos Ferreira de  
Magalhães

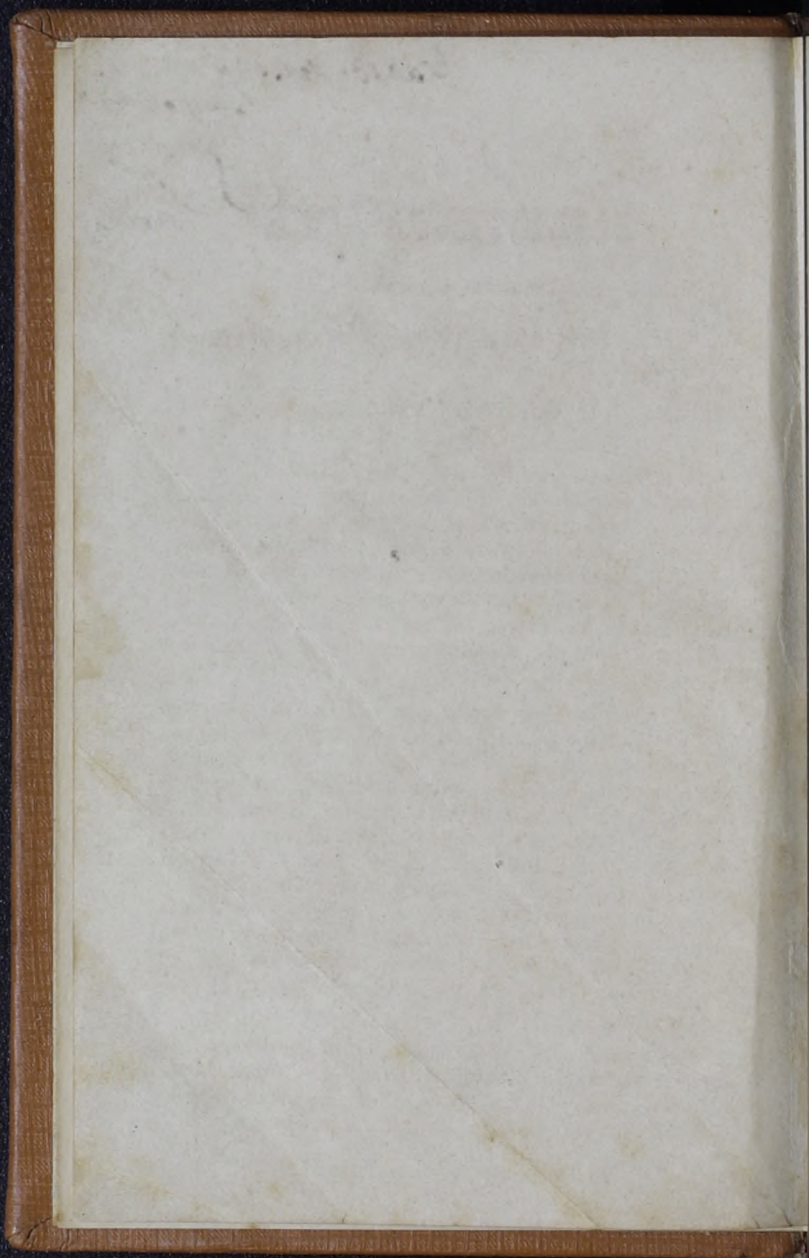
S Pauls

Vicente Homudry

1898

S. Pauls -







# BIBLIOTHECA UTIL

Publicada por

Abilio A. S. Marques (editor)

**S. PAULO (BRAZIL)**

A falta, no Brazil, de livros destinados ao povo, em que se lhe ministrem os conhecimentos scientificos que pouco e pouco vão transformando o mundo, animou-nos a emprender a publicação de uma série de volumes, em que se trate das variadas questões da actualidade, proporcionando-lhe d'esta fôrma a familiaridade com as sciencias e todas as grandes idéas do seculo.

Ha no Brazil muita genta que estuda e está a par de todos os progressos intellectuaes do mundo civilizado, mas muito poucos, infelizmente, são os que communicam á sociedade o resultado de sua actividade intellectual. Reina, entre nós, a apathia mental, que é, como bem diz o sr. Theophilo Braga, uma das fôrmas mais invenciveis da inercia. Torna-se, pois, necessario despertar d'este lethargo, e áquelles que têm progredido na ordem intellectual occorre o dever de levar a civilisadora luz da sciencia aos que jazem immersos nas trevas da ignorancia.

Não basta só conhecermos a corrente de idéas que actúa nos outros paizes: é necessario tambem que as adaptemos ao nosso meio e as façamos circular em nossos espiritos.

O plano que delineamos para levar avante esta *Bibliotheca* resume-se no seguinte :

Popularisar, por meio de edições baratas, as artes e as sciencias que formam o patrimonio do saber, emfim todas as idéas modernas e direcções novas que apparecerem no mundo civilisado. E' este hoje o plano de muitas bibliothecas francezas, de una das quaes transcrevemos os seguintes topicos que melhor explicarão o nosso pensamento :

« Até o presente as magnificas acquisições da livre investigação não foram postas ao alcance do povo; acham-se espalhadas por uma infinidade de memorias e obras especiaes. O publico em parte alguma as achará reunidas n'uma exposição elemental e methodica, des- embaraçadas dos apparelhos scientificos, condensadas, emfim, n'uma fórma accessivel.

« E, apezar disto a ninguem hoje é permitido conservar-se estranho a essas conquistas do espirito scientifico moderno, por qualquer fórma que se o encare. A cada momento, nas conversações, nas leituras, se travam questões sobre estas novidades :—O darwinismo, a theoria mecanica do calor, a correlação das forças naturaes, o atonismo, a descendencia do homem, a previsão do tempo, as theorias cerebraes, etc.; e sentimo-nos envergonhados de ser colhidos em flagrante estado de ignorancia.»

Como se vê, o campo é vastissimo. A *Mathematica*, a *Astronomia*, a *Physica*, a *Chimica*, a *Biologia* e a *Sociologia*, em seus ramos particularissimos, como sejam: a *Geographia*, a *Botanica*, a *Hygiene*, a *Historia*, a *Linguística*, a *Economia Politica*, a *Philosophia*, todas as

variadas fórmãs dos conhecimentos humanos têm logar n'estes pequenos livrinhos, comtanto que a exposição seja precisa, clara e accessivel a todas as intelligencias.

---

Para que esta *Bibliotheca* siga um plano uniforme nos variados assumptos que tem de tratar, o editor reserva-se o direito de submeter todo e qualquer original, que lhe fôr enviado, a um corpo especial de redacção composto de cavalheiros já conhecidos por suas idéas e estudos.

---

As publicações da *Bibliotheca util* serão feitas em volumes de 100 a 150 paginas no maximo, formato 16º, em boa e elegante cartonação.

---

COLLABORADORES: DR. AMERICO DE CAMPOS, DR. AMERICO BRASILIENSE, DR. ANTONIO CAETANO DE CAMPOS, DR. GARCIA REDONDO, AFONSO CELSO JUNIOR, DR. N. FRANÇA LEITE, DR. F. RANGEL PESTANA, DR. JOAQUIM RIBEIRO DE MENDONÇA, JOSÉ LEÃO, DR. LUIZ PEREIRA BARRETTO, DR. MIRANDA AZEVEDO, JULIO RIBEIRO, DR. SYLVIO ROMERO, e outros.



**Volumes publicados e em via de publicação.**

I.—DO ESPIRITO POSITIVO, por AUGUSTO COMTE.—*Notas colligidas e redigidas por um discipulo.*—Traducção do Dr. J. Ribeiro de Mendonça, 1 vol. cart. 1\$000.

II.—DA EDUCAÇÃO, pelo DR. NICOLAU FRANÇA LEITE. 1 vol. cart. 1\$000.

III.—TRAÇOS GERAES DE LINGUISTICA, por JULIO RIBEIRO, 1 vol. cart. 1\$000.

IV.—SOLUÇÕES POSITIVAS DA POLITICA BRAZILEIRA (primeira série), pelo DR. LUIZ PEREIRA BARRETTO, 1 vol. cart. 1\$000.

V.—CAMÕES, por AFFONSO CELSO JUNIOR (edição commemorativa do terceiro centenario de Camões). 1 vol. luxuosamente impresso.

DARWINISMO, pelo DR. ANTONIO CAETANO DE CAMPOS.

DO ENSINO SUPERIOR, pelo DR. LUIZ PEREIRA BARRETTO.

ANTHROPOLOGIA, pelo DR. A. C. DE MIRANDA AZEVEDO.

CLIMATOLOGIA, pelo mesmo.

BOTANICA, pelo DR. GARCIA REDONDO.

A POESIA CONTEMPORANEA, pelo DR. SYLVIO ROMERO.

A THEORIA DA SELECÇÃO APPLICADA Á SOCIEDADE, pelo DR. F. RANGEL PESTANA.

BIBLIOTHECA UTIL

---

V

---

CAMÕES

Edição Commemorativa do Centenario  
de Camões—10 de Junho de 1880.



TYPOGRAPHIA  
DE  
*Dorge Seckler*

---

15 RUA DIREITA 15

SÃO PAULO.







LUIZ DE CAMOËS

BIBLIOTECA ÚTIL

V

AFFONSO CELSO JUNIOR

O AMOHS

Folha Comemorativa do terceiro Con-  
gresso de letras de Carões, 10 de  
Junho de 1889.



S. PAULO

LIVRARIA POPULAR

DE

ADILDO A. S. BARROSO - EDITOR

1889.

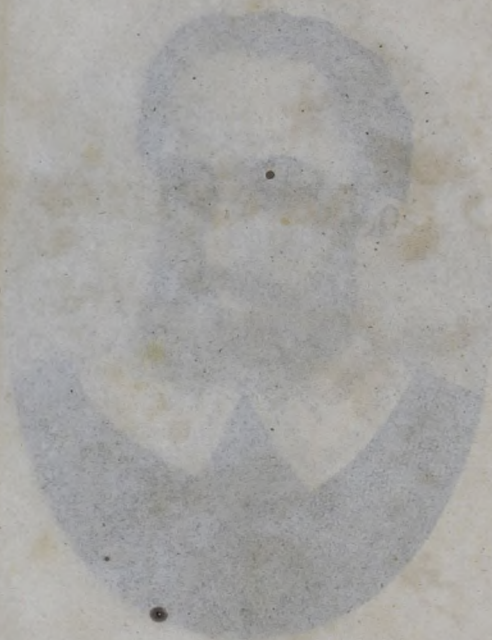
BIBLIOTECA MUNICIPAL

"CRISEANTO LESSA"

MUSEU LIEPANG



1847



DE CAMBRES

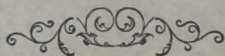
BIBLIOTHECA UTIL

V

AFFONSO CELSO JUNIOR

CAMÕES

Edição Commemorativa do terceiro Cen-  
tenario da morte de Camões, 10 de  
Junho de 1880.



S. PAULO

LIVRARIA POPULAR

DE

ABILIO A. S. MARQUES—EDITOR

1880.

BIBLIOTECA MUNICIPAL

"ORIGENES LESSA"

Tombo N.º 6078

MUSEU LITERÁRIO

Ficam reservados os direitos de  
propriedade.

---

É co-proprietario d'esta obra em  
Portugal o Sr. Ernesto Chardron,  
Livraria Internacional.—Porto.

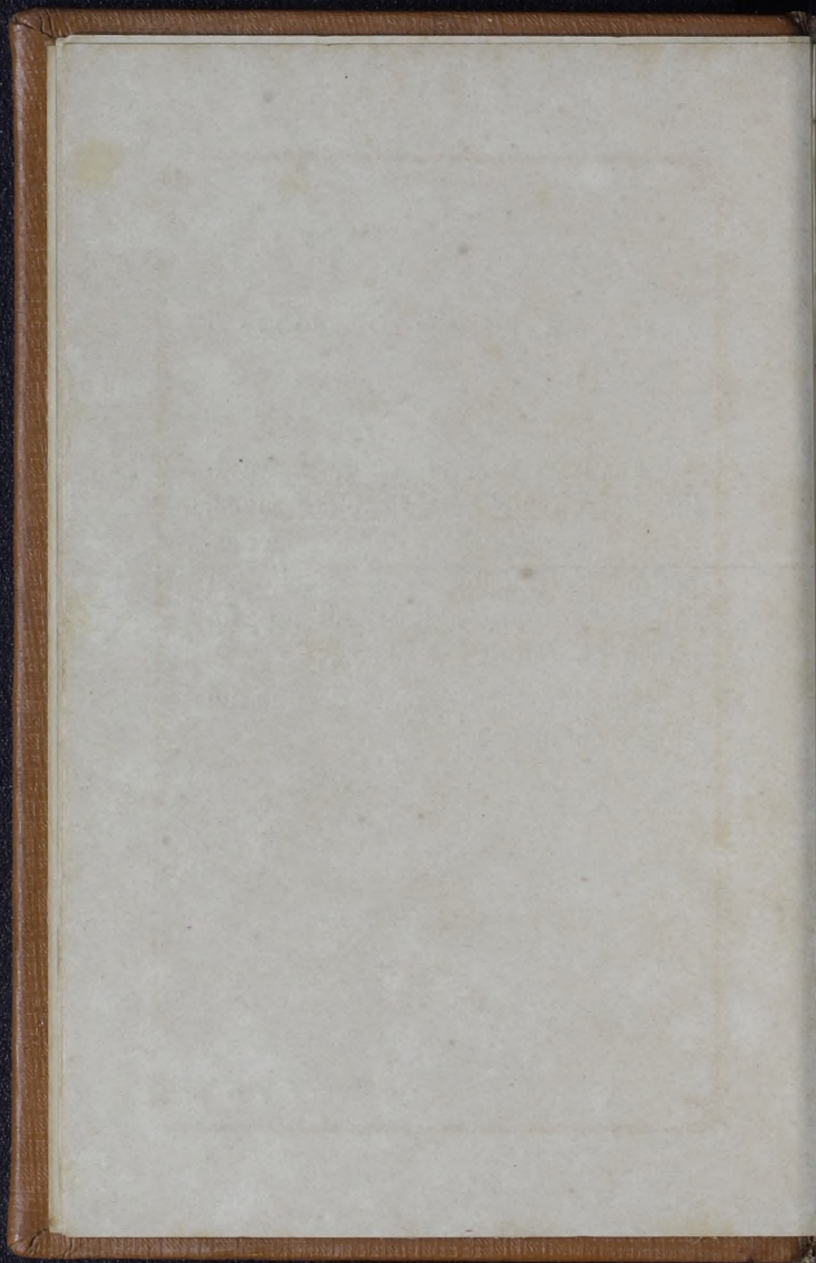
10 DE JUNHO DE 1880

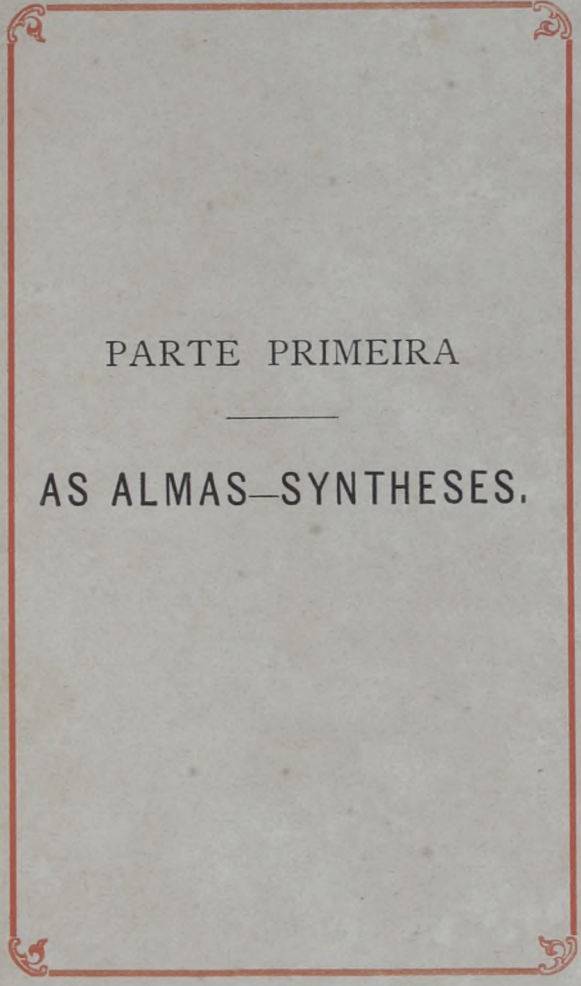
O mundo assiste a um maravilhoso espectáculo: dois grandes povos, —um pela tradição, outro pela esperança,—transformam o espirito em thurybulo, para agital-o diante da gloria de Luiz de Camões.

Este livro não é mais do que um atomo do incenso.





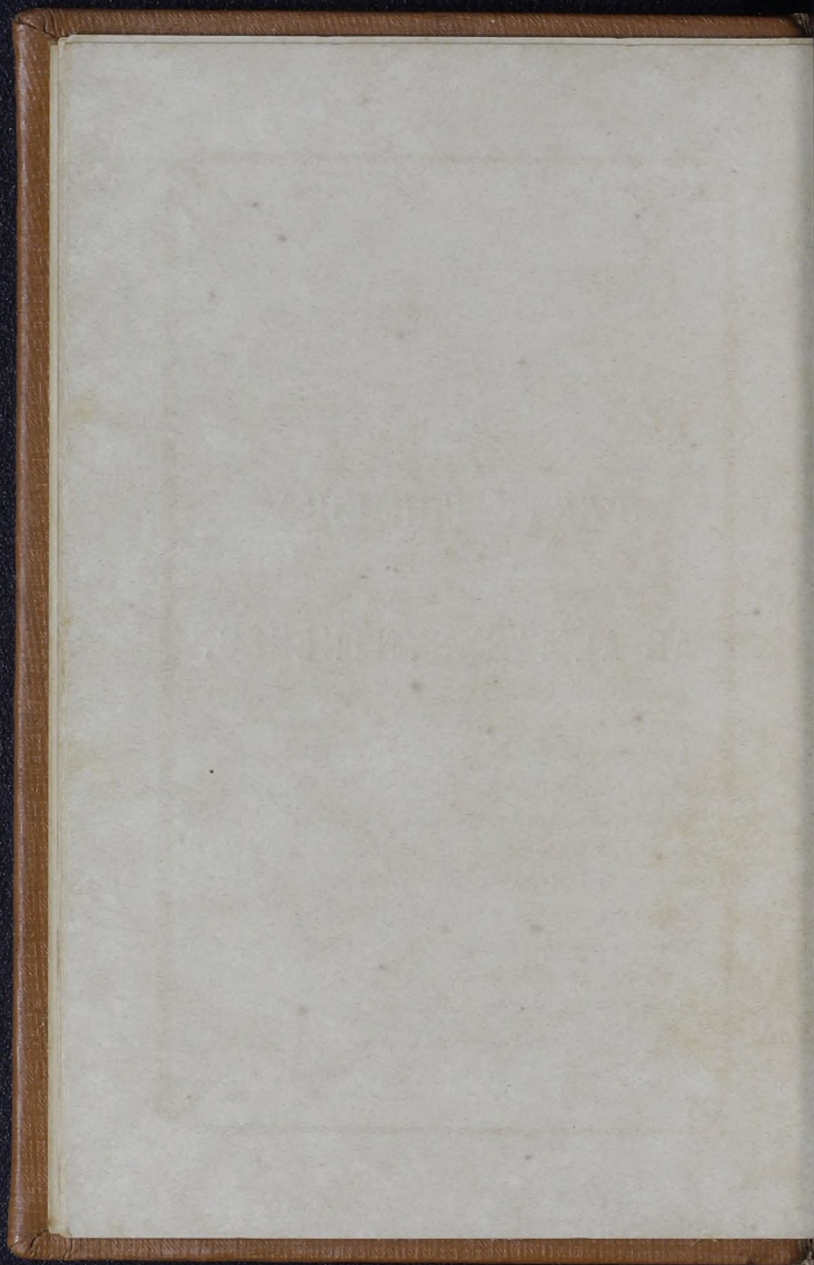




PARTE PRIMEIRA

---

AS ALMAS—SYNTHESES.



# I

**H**a um diluvio immanente, o das edades. Leva mensagens do infinito ao esquecimento. E' o isthmo ondulante que liga o continente da previsão ao da memoria. Vae n'elle o traço de união entre os dois polos da humanidade, passado e porvir.

Cada dia é uma gotta, cada anno uma onda, cada seculo um affluente. Submergem-se a pouco e pouco os povos. As nacionalidades semelham Gilliats, impassiveis ante a asphyxia imminente. Boiam as tradições, debatem-se. Algumas nadam, outras afundam. Outras, como Ophelia, são arrastadas pela correnteza, coroadas de flores. Os factos, reune-os a solidariedade do perigo. Aggregam-se, enfeixam-se confusamente, tornam-se cadaveres infórmes.

A vaga nivela. No seu seio silencia o microcosmo do nada. Os altos picos ar-



remessam ao ar a ponta arrogante, como um desafio á invasão. Miseros!... Ella os sitia, incha, concentra as forças, e, subito, cascavel os empolga de um bóte!..

Na extrema, se perlonga uma linha ficticia. Reside ahí o presente. E' o ponto marcado para o *rendez-vous* dos dois infinitos. N'esse Sinai o Jehovah-progresso entrega aos genios as taboas da nova lei. O refugio, porém, é provisorio. O enorme cataceo das ondas lhe crava os vitreos olhos viscosos. E' egualitario na destruição: não admitte privilegios de vida. Mais um minuto e o engole como Jonas. Desdobra sobre a lugubre scena o panno liquido e o immenso drama prosegue interminavelmente.

Só uma arca sobreleva o pego. Cavalga-o, impõe-lhe redeas, domina-o. Chama-se historia. Qual o seu Noé? O espirito humano. O arco de alliança, que lhe assegura a paz vindoura, é feito dos matizes fundidos das bandeiras de todas as nações: civilisação. Quanto ao Ararat, em que ella encalha, como o viajor na pousada, é uma condensação geolo-

gica de conhecimentos, uma systematização de pedra, em que as lendas, as observações, as hypotheses, os calculos, as locubrações, os raciocinios, as descobertas, as conquistas, depuzeram successivamente, ordenadamente, o subsidio heterogeneo do seu sedimento.

Dir-se-hia um limbo amalgamado de sóes aposentados. Uma confederação autonómica de relampagos que dormem. Sciencia, eis o seu nome.

## II

**N**em tudo, porém, se perde na inundação dos tempos. Ha Pompeias marinhas, somnambulas do nada. Como crysalidas, sacodem-se, desenvencilham-se, despegam-se do casulo do olvido, agitando somnolentemente essas azas icarias, as conjecturas. Se caminham, tropeçam. Os olhos conservam-se fechados. Predomina a inconsciencia incoherente do sonho.

Mais seguros, mais productivos, são os scaphandros, como a archeologia. Re-

veste-se delles o espirito, como um guerreiro da armadura da sciencia. O estudo serve de aqueducto para o ar. Fórma o pulo, mergulha, atira-se ao fundo. Em cima, véla por elle a gloria, mãe carinhosa, attenta ás travessuras do filho, que ella, após, engrandece e exalta.

Ha dentro um luar embaciado, uma bruma liquida, uma transparencia toldada, um lymphatismo de luz. Elle anda, mexe, esquadrinha, cança, acha. A trechos, os pulmões anceiam de exhaustos. Volta á superficie para renovar os reservatorios do estudo. Regressa. E' um Colombo subterraneo: descobre cidades, desenterra thesouros. Cavar n'um cemiterio de homens, profanação; no da humanidade, uma carta de apresentação para a immortalidade. Consulta, como Gall, as excrescencias, as montanhas do abysmo, bossas do monstro, quem sabe?.. Estuda a anatomia do tempo, nos esqueletos dos reinos. Reconstitue, como Cuvier, a ossificação do mastodonte dos seculos. E' um viajor isolado no Sahara das ondas; um peregrino escoteiro dos

areiaes do aniquilamento. Como Humboldt, tenta descrever aquelle cosmos chimerico. Parece um Alexandre retroactivo do extincto: conquista-o, dá-lhe leis, governadores, organisa-o. Perde-se ás vezes no labyrintho. Só a inspiração genial póde fornecer então o fio de Ariadne. Do contrario, devora-o um minotauro, a tréva. Morre, não obstante, como Nelson, embrulhado na sua bandeira: o trabalho. Mas, quando vence, sobrepuja o Christo. Este fez erguer-se Lazaro sepulto. O espirito inspirado galvanisa, no sarcophago dos seculos; como Prometheu, enche de fogo divino; como Esculapio, recompõe;—anima eternamente, emfim, essa mumia enorme—o passado.

### III

**E'** como um templo o interior da arca e Noé n'ella não vae só. Desfiam-se dentro perennalmente os hymnarios de um culto maravilhoso e fecundo. Ao envez do de Jaggernaut, que esmaga os crentes sob as



suas ródas, faz brotar sob ellas estendaeas interminos de vegetações assombrosas. Nas suas ceremonias, não se immolam victimas. Entoa-se a symphonia da geração. São como que a reproducção ascendente, o motu-contínuo evolutivo do *flat-lux*.

Está confiado a uma sybilla sublime, mãe, como Cornelia, de um batalhão de levitas. Quatro são os altares lateraes. Flammejam em cada um d'elles em letras de diamantes: Architectura, Esculptura, Pintura, Musica. No mór, rutila escripto, com um alphabeto de estrellas: Poesia. Os clarões que ahi lampejam são as auroras da intelligencia; as columnas de fogo dos hebreus do pensamento. As scentelhas que chispam dos brazeiros formam as constellações do imaginar. Nos rolos de fumo que demandam a altura, vae o elemento vital dos pulmões do progresso. Se o sol penetrasse ahi, enxotal-o-hiam, como um pyrilampo impuro!

Indescriptivel panorama! A sybilla tudo dirige magestosa, e, n'uma tripode,

crivada de astros, entre-abre, sorrindo, as corollas do desconhecido. Desfolha, descuidosa, o porvir, como a creança um malmequer. Fóra, as ondas batem rai-  
vosas no dorso do lenho. São acclama-  
ções talvez.

Quizesse a deusa, e cortaria, como Da-  
lila, as melenas desgrenhadas d'esse  
Sansão, o mar. Qual o seu nome? ARTE.  
GENIOS, a denominação geral dos levitas.

#### IV

**E**lla, a sybilla, foi a princeza que salvou  
o Moysés do futuro do Nilo do desalento.  
Carregou-o ao collo, criou-o entre pom-  
pas, educou-o no seu paço, e, quando  
mais tarde elle, á frente de um gran-  
de povo partiu em busca da Promis-  
são, foi ella a prophetisa que, a seu  
lado, lhe compoz os psalmos da co-  
ragem. Belleza, é superior a Helena. Por  
seu rapto não combateriam só dois po-  
vos, mas toda a humanidade. Inspira-  
ção? Excede Corinna, Anacreonte, Sapho,  
Hypathia, Aspasia, George-Sand. Foi no

seu peito inexaurível que sugaram todas o leite do genio. Valentia? Chorára de inveja, ao vel-a, Joanna d'Arc. A donzella de Orleans se precipitava, febricitante, á testa de um exercito, sobre outro exercito. Ella, impassível, tranquilla, desbarata, sosinha, as phalanges do erro. Constancia? Não destruíra, á noite, como Penelope, a teia quotidiana, occupada em tecer incessantemente a clamyde branca do bello. Sabedoria? Com ella aprendêra Platão. Foi fabricada por ella a taça de cicuta de Socrates. Penetração? Mais arguta que Edipo, replicaria á esphinge, e, tomando a palavra, ensinar-lhe-hia, ao fim. Pureza? E' emula de Maria. Virgem, como a mãe de Jesus, tem produzido, igualmente, não um, mas milhares de Christos. Amante? Foi a confidente de Julietta, cujas lagrimas, eternisadas pelo genio, traz, como um relicario, ao pescoço. Como Judith, degola o Holophernes da tréva. Como Santa Thereza, soffre das catalepsias videntes do Empyrio.

E' o Ashaverus eterno das sendas da gloria. Pelas palpitações do seu coração, regulam os mundos. Ao som da sua voz, cahem as muralhas da Jerichó do retrogradismo e as proprias pedras se commoem, como ante a lyra de Orpheu.

Quando ella cerra os ciliós, ha um eclipse no entendimento ; como que sobre as almas se desdobra um sudario. Pericles conversava com ella. Leão X, consultou-a sobre a edificação da Basilica de S. Pedro, a qual lhe offereceu como humilde hospedagem. Luiz XIV, se só a tivesse ouvido, tel-a-hia feito esmagar o despotismo, que o deshonra, qual Maria a serpente.

E' magnanima. Flandres não passa de um pingó de tinta no mappa do orbe. Ella chamou Rubens, fallou-lhe, e, quando o artista voltou, immortalisára o seu berço. O pingó de tinta metamorphoseou-se em estrella polar.

Tem d'isso : dá a mão aos miseraveis, condul-os ao seu palacio, que é um Thabor, e lá transfigura-os.



E' magica : viu Homero cego, encheu-lhe a alma de caudaes de brilho. E' sancta : viu Tasso louco, Dante proscrito, Byron coxo, Pope corcunda, Baudelaire mudo, Camões ferido, levantou-os, curou-os, ergueu-os á região dos eleitos.

Um dia disse comsigo : « Deus criou o mundo ; quero eu ver como elle acabará. » Chamou Miguel Angelo, deu-lhe ordens e appareceu o *Juizo Final*.

Quiz embalar a humanidade, contando legendas, como a avó junto ao leito do pequenino, e essas historias maravilhosas e candidas concretisaram-se na Biblia. Estava triste : mandou que a divertissem epicamente Bocaccio, Rabelais, Molière, Cervantes, Voltaire. Desejou, caprichosa, formar no seu alcaçar um museu de paixões. Foi encarregado de colleccionar-lh'as, de pregar-lh'as, como as plantas n'um herbario, Shakspeare.

Tão bem sahiu-se elle da missão, que tornou-se-lhe um dos mais intimos favoritos. Quiz, emfim, encerrar um vulcão n'um cerebro, observar a curiosidade

olympica de um craneo-Vesuvio e produziu a cabeça de Victor Hugo.

E' a Egeria d'esse Numa Pompilio, o talento. Recolheu a casa e traz sempre, pela mão, uma engeitada, a paz. Illumina, regula, alimenta os mundos, e, quando a tyrannia a expulsa, como Sara a Agar, leva consigo, para o deserto, Ismael, o forte, progenitor de um grande povo.

## V

**E**lles, os thuriferarios, formam o archipelago ambulante do grande, a cordilheira moral do planeta. Resolvem, apresentam a solução palpavel de um enorme problema: a inclusão do illimitado no finito. São grãos de arêa envolvendo montanhas. Corpos servindo de envolveros a genios. Pó encadernando luz.

O mundo homogenisa-se para os fitar. Cruzando-se, emmaranhando-se, os olhares das multidões lhes tecem uma rede

scintillante em que elles se embalam voluptuosamente. Não raro, cortam os fios, a um tempo, para ver se elles se precipitam no solo. Imbecis! . . . Ha qué-das-elevações. A' curvatura espinhal corresponde um levantamento do espirito. Mazzepa cahiu prostrado e levantou-se rei. Christo tombou do céu, para salvar a humanidade.

De ignorantes, os contemporaneos lhes negam justiça. Não cabe no seu parco entendimento a comprehensão da geographia dos seus sentimentos, da astronomia das suas aspirações. Saturno illuminou os espaços, milhares de seculos, antes que Leverrier provasse a sua filiação á familia dos sóes. Qu'importa? Essa virgindade do vulgar lhes faz jus á palma e á capella dos predestinados. De resto, ha diamantes incognitos, envoltos no cascalho negro, perdidos nos recessos da terra, que fulgem mais do que o diadema de todos os reis. De ordinario mesmo negreja mais a treva, na aureola dos grandes, do que na noite dos desconhecidos.

Elles são os filhos naturaes do sol. A sua vida anonyma é talvez uma delicadeza para com a pouquidade dos mais. Têm analogia com as ilhas vulcanicas : surdem, entre um cortejo de relampagos abafados, de um jacto. São, por ventura, phrases crystalisadas do monologo d'esse grande Hamlet, o mar. O seu craneo crivado de imagens metteria inveja ao firmamento estrellado. Na maçõnaria do fulgor, occupariam sem contestação o oriente. Achilles, mergulhou os o talento no Styge do orgulho. Ficam invulneraveis ; mas, em baixo, no calcanhar, na linha divisoria do corpo com a lama, fere-os, covardemente, a miseria. Emigrantes do Empyrio, transfugas da altura, desertores da luz! . . Nas estufas do seu coração medram as plantas tropicaes do horto do mysterio.

São os arautos do desconhecido, os batedores do incomprehensivel. Possuem a vista do lynce, a indomabilidade do tigre, o dom de transmutação do avatar. Como lampyrios, brilham mais á noite ; apparecem quando o thermometro da



ignorancia sóbe. Protesto, talvez. Dos seus conceitos fabricam-se chaves para as portas do mysterio. Transformam os seculos em degráus da escada, por onde ascendem á gloria. Encyclopedias moventes, a sua imaginação é um suburbio da metropole do bello. Suas concepções são como as florestas indianas: ha o mesmo eminaranhado de ramos enormes, semelhantes a viboras epilepticas que se estorcem; o mesmo farfalhar de um oceano de folhas; o mesmo *fervet opus* de passaros; as mesmas sombras augustas; os mesmos silencios imponentes, cortados de uns rumores vagos, talvez resonar da immensidade adormecida; identica enredição de troncos soberbos; antros analogos; regatos semelhantes, que se espreguiçam, chorando; cascatas eguaes, onde a agua, como um acrobata, se desloca em gymnasticas medonhas, coberta de europeis; e, emfim as mesmas feras terriveis, os mesmos pachydermes tremendos que, depois de assombrar a solidão, de accordar os tremulos échos, com o estridor dos seus passos, morrem

de pé, como Cesares, fornecendo dos seus dentes gigantes a materia prima para mil maravilhas da arte. Outros, velam erupções latentes de lavas fecundas. São Californias inexgotaveis e anonyms. Representam na terra o consulado da verdade, a embaixada do ideal. Mais do que tudo, porém, resumem em si nacionalidades inteiras. Reflecte-se e grava-se na sua intelligencia, como n'um objectivo photographico a alma toda de uma nação. Nas suas obras dá-se a grande naturalisação da vida complicada de um povo. Condensam, compressivamente, em si, as multiplas expansões de uma actividade collectiva. Reside, ás vezes, n'elles a turbina d'onde parte o movimento para as engrenagens sociaes. Atirasse um terremoto ao chão todos os paizes, que, salvando-se elles, sobrariam Pombaes, para, mais bellamente, reedificar Lisboaes. Espiritos sem raia, intelligencias incomensuraveis, onde as idéas galopam livres, sem freio, como no pampa os baguaes! Chamam-lhes, por isso, os genios, os homens-povos, as almas syntheses.

VI

**O**s numes dos altares em que se divide a arca têm sido carregados em andores, no desfilar processional das gerações. A cada um d'elles se liga uma lenda que começou de caminhar do levante do mundo e que, perante elles, se ajoelha reverente, branquejando o solo com a alvura das cans. O do primeiro, o da architectura, teve um sanctuario no Parthenon, no templo de Diana, nos pagodes collossaes da India, no Serapium, nos jardins de Semiramis, nas muralhas de Babylonia, no templo de Salomão, no Colyseu, no tumulo de Alexandre, na Cathedral de Strasburgo, na de Milão, na torre de Piza, no Vaticano, no Capitolio de Washington, na basilica de Mafra, na cathedral de S. Pedro, na Egreja da Batalha, na Grande Opera de Pariz, nas capitaes modernas, emfim. A Grecia inteira prestou-lhe culto e a turba dos seus sectarios se chamou alternativamente romana, byzantina, arabe, roman, ogival, da renascença. A base da sua religião

foi a expressão sensível, a apparencia para todos de uma necessidade satisfeita. Originou-se ella do primitivo aperfeiçoamento da morada do homem, modificado pela natureza dos materiaes, a pouco e pouco empregados, pelo destino dos edificios, pelo clima, pelo character das instituições politicas e religiosas, passando de industria a arte pelo desejo de exprimir a grandeza dos lares dos deuses e dos reis. Na Grecia, concretizou o espirito grego, a um tempo gracioso e forte, nas columnas doricas, jônicas e corinthiãs. Em Roma, materializou o espirito grandioso e practico do povo, no emprego da aboboda de fechos, solida e adequada a todos os elementos, e na fortaleza despretenciosa de edificios immensos. Byzantina, demonstrou a affoiteza dessa raça, no emprego alternativo da aboboda romana e da columna grega. A phantasia arabe, manifestou-a na diversidade das linhas, das cores, dos jogos de luz. Roman, formalizou o symbolismo christão. Gothica, traduziu as tendencias da Edade media, pelo emprego da ogiva, que se



crava na altura, por meio do agudo do vertice, apoiado no fugitivo dos lados. Nas agitações audazes da renascença, reflectiu o ideal da época na liberdade caprichosa da fórma. Contiveram-lhe as expansões largas a impersonalidade, a subjeição á industria que a domina, o clima, o solo, os materiaes, o logar, os costumes. Embora impotente na exhibição das impressões, acompanha a corrente moderna, querendo resolver o problema de cobrir, sem detrimento da arte, amplos espaços, onde circulem multidões numerosas. Seus sanctuarios, portanto, deixaram de ser os templos gregos, adaptados ao conteúdo de uma mythologia expansiva e ao genio flexivel de uma raça de artistas. Não mais os Colyseus pomposos de uma nação entregue ás delicias brutaes dos espectaculos de sangue. Não mais os campanarios medievaes, com as suas flexas agudas, proprios para se avistar ao longe o inimigo e marcar a supremacia do castello sobre os feudos de em torno. Não mais as abobodas sombrias das cathedraes de uma religião

mystica e triste, mas os simples e practicos palacios de industrias, onde, em galerias concentricas, moldadas da mesma forma, arejadas, cheias de luz, passeia o povo, livre, sem distincções, egualitariamente, observando a reunião de productos heterogeneos, classificados segundo a desigualdade relativa das partes, productora da egualdade do todo, dando idéa de uma geração, que, desdenhando as abstracções banaes das éras improductivas, aspira a um governo ordenador, promotor da iniciativa, confraternizador, haurindo a sua força na congregação popular, isto é, á forma republicana.

Entre os sacerdotes d'esse primeiro altar, destacam : Phidias, entre os antigos e entre os modernos Garnier, o architecto da Opera de Pariz, esse cumprimento de marmore de Miguel Angelo a Beethoven.

## VII

**N**'um dos nichos da segunda ara, branqueja Venus de Milo, a mutilada e pal-

lida evadida do imperio do luar. Neceu o culto ao nune que ali campeia da disposição innata do homem para corporisar, com as tres dimensões, as idéas simples, modificada pelo desejo de exprimir n'uma attitude unica a condensação de um character. Teve a sua época de ouro na Grecia antiga, onde a educação e os costumes do povo, alliados á belleza da raça, predispunham o espirito para a manifestação concreta da fôrma palpavel. O paganismo lhe foi o melhor sacerdote, no dizer de Cousin, pois lhe era apanagio a representação da belleza e da fôrma. Phidias, Pythagoras de Rhegum, Protagoras, Myron, Scopas, Cresilas, Silanion, Sthenis, Epigonos, que de grandes levitas!... Petrificadas, como a mulher de Loth, são-lhe sacerdotisas immoveis, talvez em extasis perpetuo, a Venus de Guido e a de Anadyodeme. Modernamente queimam-lhe incenso Delaplanche, Dalou, Masara, Dubois, Carpeaux. Faz milagres essa divindade : desentranha um typo de belleza dos refohos do ideal e encarna-o, com vida, sangue, arterias, muscu-

los, movimento, nas friezas de um marmore. Resolve tambem um grande problema: a alliança, ou antes a fusão da agitação com o immovel, a fixação organica de uma modalidade chimerica, a corporificação marmorea do intangivel, do vago, do devaneiar. E' a photographia de pedra da imaginação. Com ella se eternisa o relampago de uma expressão. Apollo de Belvedere sorri-se ha grózas de seculos. As fragas, as rochas angulosas, talhadas pelo capricho, são talvez esboços infórmes de estatuas dos entes findos. O rangido do cinzel na pedra é um arremedo do *surge et ambula*. Ha n'elle o magnetismo de uma evocação. O escopro lembra o principe encantado, fazendo erguer-se do leito a bella adormecida. Conta uma grande gloria a esculptura: ao fazer o homem de barro, Deus foi esculptor!...

### VIII

Campeia sobre os suppedaneos do terceiro altar uma heptarchia de summos



pontifices, de brahamas, de soberanos irmãos: Miguel Angelo, Leonardo de Vinci, Raphael, Corregio, Ticiano, Rubens, Rembrandt. Diferença-se esta lithurgia da da esculptura, pelo processo das ceremonias, sendo que as suas imagens têm uma realidade de convenção, apenas. São-lhe elementos primordiaes a côr e a perspectiva, distinguindo a primeira os objectos uns dos outros, collocando-os a segunda nos respectivos logares. E' intrincado o mister do sacerdocio. Entram n'elle combinações complexas de luz, estylo, imaginação, retina, perspectiva, synthetisação plastica do movimento. Foi-lhe apanagio temporario o synbolismo christão. Hoje, porém, pela independencia da concepção e pela isenção da personalidade do artista, colloca os seus sectarios na vanguarda do progredir. São-lhe levitas o communista Courbet, arrostando, com o seu procedimento civil e artistico, as coleras do governo e da Academia; Meissonier, que, pelo microscopico da execução de concepções gigantes, combate de frente as té-

las Cabanelistas; Mané, o amigo intimo de Zola, o naturalista, cujos processos pretende transplantar para os dominios da palheta; Jules Breton, o energico expressor da força; Corot, que observa a natureza atravez do seu temperamento original e sincero,—autonomico, independente, despido de juizos de critica official; e, finalmente, Repine, o celebre pintor socialista russo, em cujos quadros, como nos *Rebocadores*, transpira um pensamento de revolta, um canto de guerra, uma Marselheza de tintas. Sublime altar! Para lhe realçar as homenagens, a luz concorre com o subsidio dos seus brilhos. Em vez de cirios, ardem-lhe em torno os matizes do arco-iris, que, para lhe ser util, deixou-se derreter, diluiu-se abnegadamente!!...

## IX

**O** vento e o mar, na complexidade indefinida das suas expansões melodicar, são os primeiros ministros do quarto altar. Dividem-se em duas classes os

seus acolytos: uns que concebem, outros que executam, uns da fôrma, outros da idéa, compositores e artistas, unidos todos pelo liame commum, talento. Na sua comprehensão completa foi este culto o apanagio da raça branca, que, só depois do seculo XVI, o seguiu desassombradamente. Resuniu-se a principio, na melodia, isto é, na expressão directa dos sentimentos, pelo som, complicando-se a pouco e pouco com as addições da orchestra. Concebeu a principio a harmonia como simples auxiliadora da melodia. Mergulha nas profundezas psychologicas, nas nuanças mais subtis do sentimento, exprimindo, traduzindo, decifrando a agitação subterranea, indefinida, que todo o homem experimenta dentro em si. Exemplo: Haydn, Mozart, Beethoven. A partir de Gluck, representa dois dramas, o da scena e o da orchestra, commentario o segundo do primeiro. Nas mãos de Mozart e de Beethoven é a lingua dos subentendidos, dos enigmas, dos vagos, dos claro-escuros do nosso organismo, apprehendendo as mais ligeiras, as

mais tenues impressões do pensamento, que todos sentem sem poder externar. No dizer de Wagner, vae ser a expressão mais completa, a traducção mais perfeita da toda a enredica de idéas, de pensamentos, que nos tumultuam conjunctamente no cerebro, porque a linguagem é successiva e a musica é simultanea. E', a um tempo, sciencia e arte: arte, quanto á escolha, combinação, disposição dos sons; sciencia, quanto ao pensamento director, á connexão entre o som e a idéa. Pouco precisa embora, possui o que Mendelsohn chamava a sinceridade do accorde. Arte democratica, já pela combinação egualitaria de elementos heterogeneos, já pela contribuição particular de todos para o fim commum e harmonico, constitue, no parecer de Taine, a arte do seculo, porque na diversidade agitada dos seus sons, é a unica que póde traduzir o espirito da época, a alma encontrada do seculo. Prepondera actualmente n'ella a harmonia, cuja base é a admissibilidade, e que, na amplitude congregadora do seu dominio, abrange



todo o creado, no equilibrio do dia com a noite, do bem com o mal, da força centripeta com a centrifuga, do frio com o calor, do astro com o atomo, da existencia com a morte, do tudo com o nada. Manifesta-se essa lei na tendencia para as grandes choraes, como as de Upsala e Christiania, em que tresentos moços, colligados pela magia do rythmo, por um amor collectivo e solidario, edificam no terreno neutral da harmonia uma patria aerea e commum, onde acham gasalhado os mais tenues, os mais vaporousos ideaes do seu imaginar. Grande nume :—Verdi, Donizetti, Meyerbeer, Bellini, Rossini, Carlos Gomes, Halevy, Petrella, Mercadante, Palestrina, Paganini, Massenet, Bach, Weber, Mozart, Beethoven, Barbieri, Berlioz, Listz, Chopin, Mendelsohn, Tamberlick, Capoul, Patti, Nicolini, Lagrange, Lagrue, Malibran queimam-lhe incenso sonoro ! Os passaros são-lhe diaconos e o proprio sol obedece ás suas leis quando, do rostro excelso, com a batuta de chammas, dirige a orchestra dos mundos.

X

**P**erante o altar-mór celebra o papa da sublime religião. Serve ahi de caçoula o coração humano. Entoa-se a symphonia do aroma. A nota mais discordante encerra o duplo da essencia que deixa no ar o rastro de um cherubim.

No sentido mais amplo, exprime o seu culto o conjuncto das aptidões naturaes, cujas manifestações constituem a criação artistica. Consiste esta n'uma excitabilidade particular da sensibilidade e em uma certa disposição da imaginação que a predispõe para essa especie de hallucinação, meio voluntaria, meio consciente, sem a qual o proprio genio da arte pareceria incomprehensivel. Transmittite as commoções atravez os temperamentos, arrogando superioridade sobre todas as outras artes, pela extensão do seu dominio. Pelo rythmo e pela versificação rivalisa com a musica; pelas descripções com a pintura, dando o sentimento da fórma e da côr, como as artes plasticas, ás quaes excede no ideal,

na intervenção directa da personalidade do artista e nas nuances subtis da analyse psychologica. Tirou privilegio de exprimir directamente o pensamento, dirigindo-se sem intermediario á intelligencia e prestando-se á fusão do sentimento com a idéa. Harmonisando-se com o movimento do seculo, no qual intenta fundamentar-se,—hymno, epopeia, romance, drama, a mais humana das artes, superior a todas que possuem um momento unico e são obrigadas a concentrar n'elle todo o effeito, encima a propria musica que só dispõe de generalidades. Tem sido a peregrina branca dos seculos. No seu collo, recosta a mocidade a fronte latejante de febre, ouvindo-lhe as confidencias das edades mortas e contando-lhe baixinho as aspirações alouçadas do seu cerebro entusiasta. Começam a amal-a, mal despem a tunica da infancia. E' ella quem colhe as lagrimas dos primeiros desconfortos, formando um collar que piedosamente suspende ao alvo pescoço da adolescencia. Um dia, ha bem pouco, despiu os trajos de festa. Espe-

daçou o diadema, cujas pedrarias rolaram formando constellações esparsas. Arremessou ao chão a lyra inutil, para sobraçar a couraça das ousadias robustas, e, heroica, como Judith, resoluta como Clelia, honesta como Cornelia, deixou de ser a amante bucolica dos pallidos scismares, para tornar-se a mulher austera que os continentes veneram, de uma belleza esculptural,—forte, energica, bondosa, a sublime mulher republicana, vivandeira dos arraiaes democraticos, heroína dos seus acampamentos, a Debora do seu Thabor, a Joanna d'Arc dos seus destinos, que, embora queimada n'uma pyra de despeitos e coleras mesquinhas, trançará com as mesmas labaredas homicidas uma aureola flammejante que lhe coroará, deusa, de um diadema de fogo, a branca fronte pensativa!..

De Homero a Tenneyson, de Tyrteu a Byron, todos os seculos têm-lhe nomeado um summo pontifice. Creou um inferno, com Dante; um paraizo, com Milton. Com os versos de Victor Hugo, o poeta da humanidade, fabricou um gran-



de grilhão adamantino para os corações dos povos. E elle, o velho athleta, o Hercules que não teve Omphale, ordenou ao seu sol que parasse, para, novo Josué, batalhar até ao fim!..

## XI

**N**ão é facil o ingresso na arca que singra, indomita, a correnteza dos tempos. Na porta é exigida a senha de um grande feito. Faz-se mister igualmente o suffragio universal de um povo, além de um exame de sanidade perante um grande Hipocrates, a critica. Cada um dos levitas, necessita de uma consagração especial e geral. Não ha empenhos. Sem ella, abandonado no convez, breve se precipita no pégo, aos corcovos das ondas.

Um, alli está porque embalou o berço do mundo com a harmonia dos seus canticos. E' a fonte d'onde deriva o Amazonas da epopeia, cuja foz chama-se immortalidade. E' tão grande que, para comprehendel-o, dividem-no. Vêem em

Homero mais que um homem, varios rapsodas. Outro, criou a hyperbole das paixões. Encarou-as atravez da lente do seu genio. E' o sacerdote do horror. N'elle tudo está no augmentativo, a começar pelo talento: Eschylo. Miguel Angelo, outro, concretizou, por meio de uma evocação formidavel, o futuro julgamento do homem. Antecipou o tempo, para photographal-o, attrahindo-o das cavernas do futuro com o magnetismo tremendo do seu genio. Beethoven, outro, desfibrou a alma humana, pulverisou-lhe o sentimento, reduziu-o a atomos e a cada um deu uma expressão no som. Outro, Juvenal, pegou d'um punhado de coriscos, amarrou-os, e, formando um vergalho, azorragou um povo. Outro, Dante, foi ao inferno, ao purgatorio, ao ceu, como um nababo viajando em busca de um pouso adequado e, ao fim, accommodou-se na gloria. Cervantes, outro, elevou o sorriso ironico a epopeia. No seu espirito fulguram os brazões genealogicos da satyra. Descende de Horacio, cruzando a raça de Persio com a de Mar-

tial. Nos seus periodos folhudos como que se enxerga o arregaçar dos labios de Voltaire. Shakspeare, outro, traçou o mappa-mundi das paixões. Virou o homem ao avesso. Creou a anatomia do ideal. Modelou em phrase as estatuas de todos os nossos instinctos, sendo a alma humana o enorme pedestal. Outro, fez com o pensamento o mesmo que Christo com os pães: multiplicou-o: — Guttenberg—. Outro, Stephson, riscou, com trilhos de ferro, o itinerario da humanidade. Franklin, outro, poz uma armadilha ao raio e prendeu-o. Outro, Bartholomeu de Gusmão, achou o planeta pequeno para o seu genio e soltou o balão em direcção aos astros. Cada um d'elles podia servir de distico a uma nacionalidade. São os generaes do exercito da arte. Usam condecorações de estrellas. Custou-lhes, porém, a galgar a altura em que dominam. Eram tão elevados, que, para coroa-los, tiveram as gerações de subir umas nos hombros das outras, como os Titans para escalar o ceu. Até lá, viveram no seio de

Abraham do incomprehensivel, á espera do Messias da gloria. Soffreram. O caminho da immortalidade é uma prolongação da estrada do Calvario. Precisam apresentar um passaporte assignado pelo preito de um paiz inteiro, visado pela desgraça. Porque no mundo inda a mais candida alvura tem de levar sempre a nodoa de uma lagrima? E' a lei fatal da desventura. Só escapa a ella o increado, porquanto nascer já é uma desdita. O proprio firmamento, na America, lá jaz no espaço, crucificado no Cruzeiro do Sul!!...

## XII

**N'** um dos mais elevados degráus do altar-mór, onde só podem subir os favoritos da immortalidade, quêda um leuita sombrio, que enverga, sobranceiramente, a loriga dos fortes. Quem é? Homero tracta-o de filho, Dante de amigo, Tasso de irmão. Fita-o respeitoso Voltaire, inveja-o Milton, e Humboldt, o grande sabio, se ajoelha reverente sobre a poeira dos seus passos. D'onde vem?



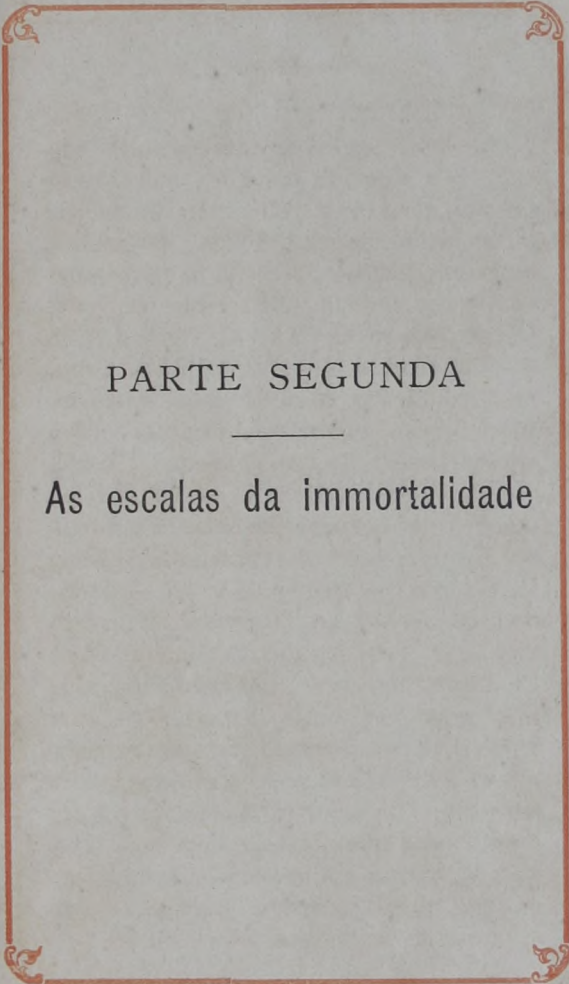
Traz um dos luzeiros da physionomia apagados. Talvez lh'o houvessem roubado para sol de algum mundo em embryão. Na chamma do seu olhar, chispam faúlas, como de uma forja interna: é a do talento. Tem a fronte cingida de louros. Em cada uma das petalas vae uma folha da odyssea do trabalho. Combateu. E' tres vezes heroe; dos inimigos, da indifferença, da desgraça. Ha mais gloria nos ultimos prélios do que nos primeiros. N'aquelles arrisca-se a vida; n'estes o espirito. Nos primeiros ha Pyrros; nos ultimos, sanctos. Nos primeiros, as espadas traçam nos corpos os hyeroglyphos da brutalidade. Os labios das feridas, nos segundos, apresentam um sorriso de luz. Cada nodoa de sangue se transforma n'um retalho de purpura. Vae em cada cicatriz uma inscripção de nobreza, um scello imperecivel de gloria. Nos primeiros, morre-se; nos segundos vive-se. Dá-se nos primeiros a inversão do principio de Darwin: a lucta é alli pelo aniquilamento. Se morre alguém, nos segundos, é a propria

morte. Cabem ao levita sombrio galar-  
dões de uns e outros. Salve!

Desceu, como Daniel, a cova d'esses  
leões, as miserias. Elles o fitaram, lam-  
beram-lhe as mãos e deitaram-se humil-  
des a seus pés, formando-lhe um tapete  
com os pellos fulvos e contribuindo, com  
o tom louro da juba, para o resplendor  
da sua aureola. E' que um anjo branco  
o protegia, como Gabriel a Tobias: o  
Amor da Patria. Esta, ingrata, em vez  
de mãe, foi-lhe madrasta. Em paga, elle  
a conduziu pela mão ao portico da fama  
como um veador a soberana. Com as  
suas estrophes fabricou-lhe um solio de  
diamantes. Com a sua espada gravou-  
lhe o nome no tronco adusto das bata-  
lhas. No entretanto, ella o havia negado,  
engeitado, tinha querido deixal-o vegetar  
n'essa roda de expostos, a obscuridade.  
Durante a vida negou-lhe ar, esse leite das  
patrias. Morto, nem sequer allumiou-lhe  
o tumulo com o reflexo dos seus astros,  
pois ignora onde repousa o seu corpo. Onde  
jazem as suas cinzas? Ninguem sabe.  
Tambem talvez nem lá nem no universo

coubessem. Em compensação, elle dedicou-lhe o amor de um filho, a dedicação de um amante, a sollicitude de um pae o fanatismo de um crente. Rasgaria a alma em pedaços, a esfiaria para pensar-lhe as feridas. Foi, para com ella, talvez o unico successor de Christo. Ella o esbofeteou e elle, calmo, forte, sublime, voltou-lhe a outra face e sorriu. Esse sorriso, chama-se LUZIADAS, e é a aurora boreal de um mundo. Contam que n'um naufragio elle se salvára nadando com o poema na mão. Esse poema foi uma caixa de Pandora de glorias. Pois bem; naufraguem os povos, afundem as nações que Portugal, suspenso nas ondas pelo espirito insubmergivel de Camões, e tendo nas mãos os LUZIADAS, onde quer que aporte, terá n'elles uma credencial de successo. E' que em cada oitava, em cada verso se incuba um grão fecundo da sementeira da luz!!

Quanto á sua lenda escura, em que sempre a fumaça emmoldurou a chamma, a desentranha agora a glorificação dos archivos da lembrança. Ouçamol-a.

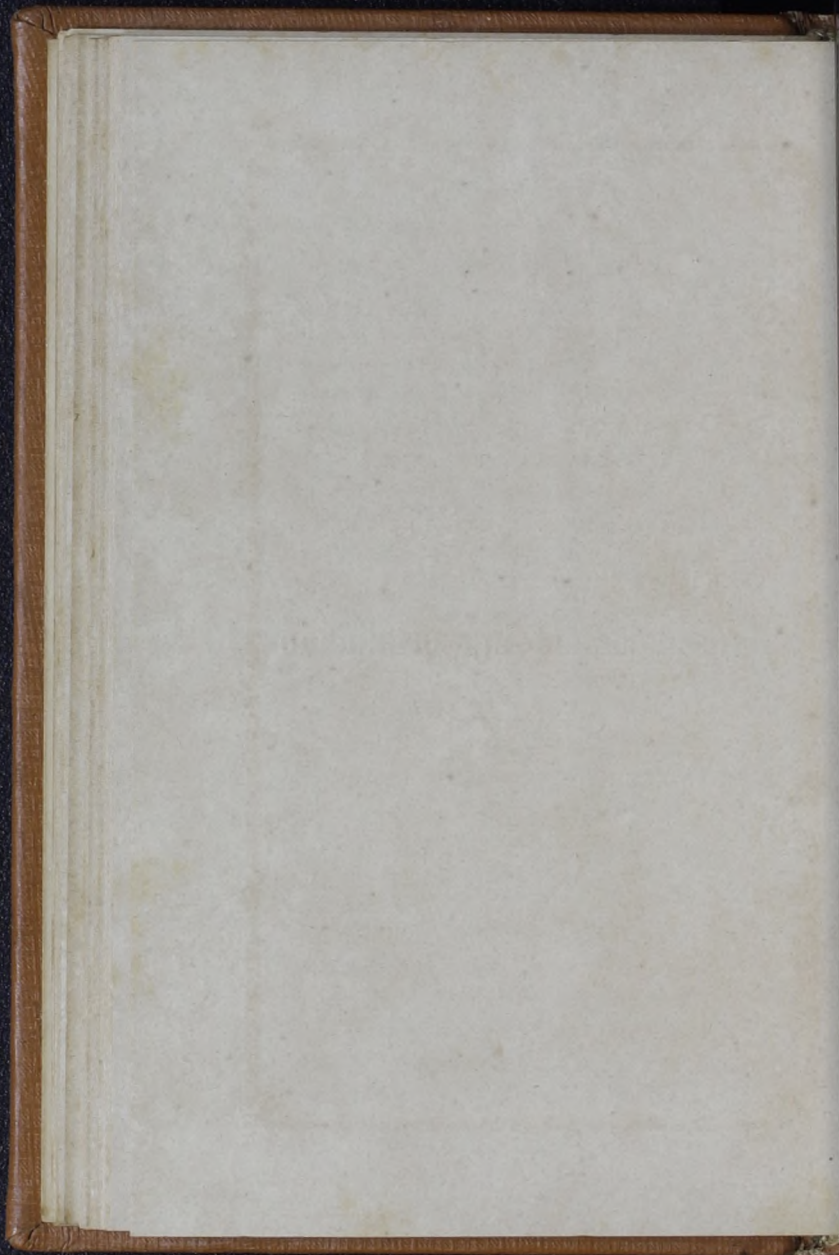


PARTE SEGUNDA

---

As escalas da immortalidade





I

**T**eve o seu berço na Galliza a familia de Camões. Emigrando, por motivos politicos, em 1370, Vasco Pires Caamano implorou um asylo a el-rei d. Fernando. Concedeu-lhe este terras e um logar no conselho; mas, envolvido na trama de d. Beatriz contra d. João I, viu elle, depois de Aljubarrota, confiscarem-se-lhe os bens. Só conservou o dominio de Evora, chamado pelo povo Camocyra, segundo Lamarre. Teve tres filhos. O segundo, João Vaz, illustrou-se ao serviço de Affonso V, na Africa e em Castella, de 1438 a 1481. Foi pae de Antonio Vaz, que esposou Guiomar da Gama, parenta do grande Vasco. Um filho d'este, casado com Anna de Sá e Macedo, Simão Vaz, eis o progenitor do poeta. Sobre a data do seu nascimento ha duvidas : 1517, 1524, 1525. Disputam-lhe o berço : Santarem, Alemquer, Lisboa, bem como Smyrna, Rhodes, Colophon, Salamina, Chio, Argos e Athenas o de Homero. Parece mais acertado decidir

pela penultima data e pela ultima cidade. Moravam os seus paes no arrabalde dos mouros, parochia de S. Sebastião. O proprio poeta indica Lisboa como a sua cidade natal, quando, em Santarem, se compara a Ovidio exilado. Sobre os seus primeiros annos carecem os documentos. Seu pae, filho mais moço, nada possuia. Com cerca de 13 annos começou elle os estudos em Coimbra, sob a direcção de seu tio, Bento Camões. As primeiras lettras cursára-as nos collegios de S. Miguel ou de Santa Cruz. Coimbra, cuja universidade fôra transferida para Lisboa em 1377, acabava de a reaver. D. João III tudo melhorava. Sabia de cór o nome de todos os estudantes. Seu plano era dar á universidade a feição scientifica do collegio de Guyenne, em Bordeaux. Formára uma congregação de doutos professores, entre os quaes sobresahiam Jacques de Gouvêa, antigo reitor da universidade de Pariz; Vicente Fabricius, um dos mais habeis humanistas do seu tempo; o ma-

thematico Pedro Nunes e o naturalista Brissot. Camões aproveitou. Litteratura, sciencia, historia, tudo estudou, guiando-se n'este ultimo ramo, na parte referente ao seu paiz, pelas sabias investigações de André de Rezende, professor do paço. Acabava de apparecer a bella historia de Fernão Lopes de Castanheda e se annunciavam as primeiras decadas de Barros. Apesar de não impressas ainda, as epistolas e as obras de Sá Miranda e Antonio Ferreira andavam em copias, pelas mãos dos rapazes. De Camões tornou-se breve favorito o «Cancioneiro» de Garcia de Rezende, essa bella collecção de eclogas, cantos populares, sonetos e contos cavalheirescos. Já desferia o poeta os primeiros ensaios. Amava os passeios á margem do Mondego, e, quando entrava a universidade, fitava, com os olhos de melancolia prophetica, o distico que se lia, á porta, no pedestal da estatua da Sabedoria :

Amice, sequere me et non demittam te ;  
Disce vivere in servitute et mori in paupertate!...



II

**N**ão completára 20 annos quando volveu a Lisboa. Escrevêra já uma *Elegia á paixão de Christo* e o *Auto dos Amphitriões*, imitação de Plauto, afóra varios sonetos. O seu nascimento nobre facultou-lhe apresentações á gente poderosa. Estatura regular, cara cheia, fronte um tanto proeminente, cabellos alourados, nariz aquilino, arrogante, risonho, gracioso, era, sem duvida, attrahente. Frequentava os serões do paço, escrevendo a rogo das damas da infanta d. Maria. Envolvia-se em intrigas amorosas. O rei d. João III pedia-lhe versos.

Ditosa quadra!... Amou. Sexta-feira da paixão, depára-se-lhe n'uma egreja Catharina de Athayde, filha de d. Antonio de Lima, nobre, do paço, e de d. Maria Bocca Negra. Para os poetas a egreja é um perigo; para as donzellas uma cilada. Antes de subirem ao ceu, os olhares afogados de mysticismo vão varando e amarrando corações com fios de brilho. Camões, ao menos nos ver-

sos, guardava discrição perfeita, só chamando a sua amada pelo nome de Natercia, anagramma inexacto. Não obstante foi exilado, por causa desses amores. Antes, escrevêra a comedia de *El-rei Seleuco*, de dialogo picante e com algumas redondilhas não sem elegancia, representada em casa de Estacio da Fonseca, enteado de Duarte Rodrigues, reposteiro do rei. Tencionava dirigir-se a Coimbra, mas, fallecendo-lhe o tio, Bento de Camões, resolveu partir para a expedição de Mazagão, na Africa. Demorou-se dois annos em Ceuta e perdeu o olho direito n'uma refrega com os Arabes. Em 1549, tendo sido nomeado vice-rei da India d. Affonso de Noronha, Camões, que regressára a Lisboa, decide partir com elle, como soldado. Chegando, porém, desarvorada a náu S. Pedro dos Burgaleses em que ia, resolve adiar a viagem. De genio turbulento, fere na procissão de *Corpus Christi* um moço de arreios do paço. Preso, espaira o espirito compondo o primeiro canto do poema, em cuja concepção muito influíu a publicação das

*Decadas* de João de Barros. Perdoando-lhe o ferido, passaram-lhe carta de soltura e a 24 de Março de 1553 partiu para a India na náu S. Bento. Ao embarcar soltou a unica queixa que se lhe conhece contra a patria, repetindo o celebre dito de Scipião. Soffreu uma grande tempestade na travessia e aportou a Goa, quando d. Affonso de Noronha aprestava uma expedição contra a ilha de Chambé ou da Pimenta, soccorrendo os reis allia-dos de Cochim e Poreá. Alista-se na expedição, combate, como o narra em uma das elegias, e trava relações intimas com d. Antão de Noronha. Acompanhou a armada com que d. Fernando de Menezes sahiu de Goa, indo esperar junto ao monte Felix as náus de Achem. Em Abril de 1554, a armada dá á vela pelas costas da Arabia, ancorando junto a Do-far. D'ahi, costeando, dobram o cabo de Rosalgate. Chegados a Mascate, toma o commando d. Manoel de Vasconcellos, emquanto, a 23 de Setembro, d. Affonso de Noronha era substituido por d. Pedro de Mascarenhas, que poucos mezes go-

vernou. Succedeu-lhe Francisco Barreto, para celebrar a nomeação do qual escreveu o poeta o *Auto de Filodemo*. Goa opulentára. Inexpugnável, no centro da Asia meridional, com dois vastos portos, occupava a posição que lhe assignára o génio de Albuquerque. Possuía construcções magnificas, esplendidas egrejas, vastos arsenaes. Chamavam-lhe Goa, a doirada. Medravam, porém, a par das prosperidades, as paixões más. Desapparecêra a altivez, a pureza, o amor desinteressado da patria. Tinham velleidades de conquistar a Asia. Cobravam-se exacções tyrannicas. Corrupção geral. Camões indigna-se e escreve uma satyra forte, *Disparates na India*. O vice-rei Barreto, posto não mencionado, irritou-se e, por vingar-se, disfarça um exilio na nomeação do poeta para o cargo de *Provedor Mór dos Defuntos e Ausentes de Macáo*. Ainda uma vez se crucificava a Justiça!...

### III

**E**m Março de 1556 partiu Camões na esquadra capitaneada por Francisco Mar-



tins. Demorou-se em Macáo e, na aldeia de Patané, compoz os seis primeiros cantos da epopeia. Sobre os dois annos posteriores não ha indicações precisas. Vem preso para Goa, por ordem de Francisco Barreto, a instigações de intrigas, relativas á sua administração no cargo de Provedor-mór. Naufraga na costa de Camboja na Conchinchina, salvando-se apenas com o manuscripto do poema na mão. Na foz do Mecon escreve as *Redondilhas* paraphrasiasticas.

Aporta a Goa nos ultimos mezes do governo de Francisco Barreto e é mettido na cadeia, onde sabe da morte da sua desvelada Natercia. A 3 de Setembro assume a governança da India d. Constantino de Bragança, irmão de um dos amigos do poeta que foi posto em liberdade. Celebra elle então o vice-rei em estancias imitadas das de Horacio a Augusto, cantando os feitos de d. Constantino, em contraposição com os de Barreto. Viveu algum tempo quasi feliz. Reuniu em um banquete, chamado das trovas, varios amigos, a cada um dos

quaes presenteou com um producto do seu estro resuscitado. Entre os convidados figuravam Heitor da Silveira e João Lopes Leitão. Canta o successo de Janafapotão, uma das glorias de d. Constantino. Em 1561 chega á India d. Francisco Coutinho, conde de Redondo, novo vice-rei. Cunhado de d. Guiomar de Blasfet, antigo admirador de Camões, protegeu o poeta, pedindo-lhe glozas e chamando-o como auxiliar nos despachos dos feitos. Mas, o fidalgo Miguel Rodrigues Coutinho, que, sob o governo de Barreto, commandára 10 navios de guerra, appellido *Fios seccos*, pela sua dureza e sovinaria, lhe intentou um processo e o fez encarcerar, por una antiga divida de 200 cruzados. Em dezembro, quando o vice-rei, ia assentar pazes com o Camorim, Camões requer a sua liberdade, mas não póde acompanhar a expedição. Passa o inverno em Goa entregue ao estudo, frequentando poucas relações. Generoso amigo, intercede com o vice-rei pelos desvalidos e particularmente por Heitor da Silveira, cahido na penuria. Recommen-

dou igualmente ao conde de Redondo Garcia d'Orto, auctor dos *Colloquios dos Simples e Drogas*, antigo professor de Coimbra, que, por amor á sciencia fôra á India completar o seu celebre trabalho sobre plantas. Viveu assim até 1567, periodo em que collocam alguns biographos a sua viagem a Malaca e ás Molucas. Não foi insensivel a uma dama portugueza que, mal o conheceu, deixou a India e falleceu n'um naufragio, e á escrava Barbara. Prova: os sonetos 23, 30, 53, 99, 168, 170, 173 e a ode X. Em 3 de Novembro, desembarcou em Goa d. Antão de Noronha, vice-rei. Amigo intimo de Camões, o nomeou para a sobrevivencia da Feitoria de Chul, para entrar na posse effectiva na primeira vagatura. Occupou-se o poeta ahi em colleccionar as suas poesias lyricas, com o titulo de *Parnazo*.

Uma unica ambição o animava: a de rever Lisboa e publicar o seu poema. Sentia que n'elle estava incubada a immortalidade. Levára vinte annos a compol-o e, agora, sem recursos, longe da

patria, pobre, só, roído de uma enorme aspiração, via o seu character mudar-se de risonho para serio, de folgazão para melancolico, tornava-se hypocondriaco, ao pezo de tanta gloria incomprehendida, ou antes de tanta desgraça.

Na vida dos grandes homens, a desventura e a gloria parecem dois irmãos siamezes, servindo de camareiros a este soberano,—o genio.

#### IV

**E**m 1567 offereceu-se-lhe ensejo de partir. Pedro Barreto, nomeado para Moçambique, seguia para Sofala, e d'Africa oriental facil era regressar a Lisboa. Convidado, Camões acceitou una passagem e partiu. Romperam, porém, as relações, Barreto e elle, ficando o poeta reduzido á penuria. Ainda assim, conta Diogo do Couto nas «Decadas», corrigiu os LUZIAS, e trabalhou n'uma obra de philosophia. Após grandes trances arriba, felizmente, a Moçambique a armada em que voltava para o reino d. Antão de



Noronha, substituído por d. Luiz de Athayde. Iam com elle amigos de Camões, como Heitor da Silveira, Diogo do Couto, d. João Pereira, d. Pedro da Guerra, Ayres de Souza de Santarem, Manuel de Mello, Gaspar de Brito, Fernão Gomes da Gram, Luiz da Veiga, Antonio Cabral, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão e Lourenço Vaz Pegado, que pagaram a Barreto 200 cruzados, que elle lhe exigia, e a passagem a bordo da náu *Santa Clara*. Chega a Lisboa a 7 de Abril de 1570. A capital estava preza dos horrores da Peste Grande. Em 14 mezes haviam fallecido 70 mil pessoas e, posto tivesse amainado o flagello, as providencias eram ainda severas.

A *Santa Clara* soffreu longa quarentena e Camões viu morrer junto a si o seu mais fiel amigo, Heitor da Silveira. Só pôde desembarcar em Junho. Havia 17 annos que deixára Lisboa. Que de mudanças!... Com 57 annos, a 11 de Junho de 1557, fallecêra d. João III, amado do povo, deixando a regencia á rainha d. Catharina. Confiára esta a edu-

cação do infante a d. Aleixo de Menezes, varão integro. Uma influencia secreta, porém, lhe minava os planos: Luiz Gonçalves da Camara, da ordem dos jesuitas, confessor do rei, e seu irmão Martim exerciam sobre o joven monarcha pernicioso e absoluta influencia. Tornavam-no intolerante, insuflavam-lhe a vaidade, obtiveram d'elle juramento de se não casar. Por intervenção de d. Manuel de Portugal, consegue Camões apresentar ao rei o manuscripto do poema e pelo Alvará de 23 de Setembro foi-lhe concedido o privilegio de o publicar. Entretanto, desde 1568, 20 de Janeiro, pela abdicção de d. Catharina, senhor do throno, d. Sebastião servia de pretexto ao governo dos dois cortezãos. A' imaginação do joven rei só se apresentava a idéa da Africa, olvidando queurgia convergir as forças portuguezas para o imperio do oriente, que cahia. Em vão o bispo Jeronymo Osorio levantava a voz austera, escrevendo aos dois Camaras e ao proprio rei. Já havia o contagio da hallucinação. A 12 de Março de 1572 sahem

OS LUSIADAS da censura do Santo Officio, approvados pelo padre Bartholomeu Ferreira. Em principios de Julho sahem a lume. A 28 do mesmo mez é concedida ao poeta a tença de 15\$000 réis durante tres annos, *pelo seu engenho, habilitade e sufficiencia que mostrou no livro que fez das cousas da India*. Roubam-lhe n'esse interim o livro de poesias lyricas *Parnazo*. Passa miseravelmente ; pois, os proprios 15\$000 não lh'os pagavam pontualmente, á falta de assento no Livro da Fazenda!!...

V

Os ultimos annos viveu-os na miseria. Habitava uma rua escura, visinha á egreja de Sant'Anna. Nenhuma das familias nobres de suas relações lhe veio em auxilio, nem a do Gama, immortalizada por elle. O javanez Antonio pedia esmola para elle, á noite. Barbara, uma negra, lhe dava igualmente um prato dos sordidos alimentos que vendia. Seu unico prazer era ir sentar-se, como um alum-

no, a escutar as lições do convento de S. Domingos. Algumas vezes ia conversar com um escrivão de merito, o licenciado Manuel Corrêa, empregado em S. Sebastião, seu amigo. Trabalhava, mas sem a inspiração antiga. Conta Pedro de Mariz, que um fidalgo, Ruy Dias da Camara, lhe encommendou a traducção dos sete psalmos da penitencia. Indo procural-o a casa, para lhe censurar a demora na entrega, retorquiu o poeta : « Quando eu fiz aquelles cantos, era mancebo, farto, namorado e querido de muitos amigos e damas, o que me dava calor poetico : agora não tenho espirito nem contentamento para nada ; ahí está o meu jáo que me pede duas moedas para carvão e eu não as tenho para lh'as dar. » Doente, prostrado, ao ponto de só poder andar, apoiado a um bastão, não pôde um dia levantar-se da cama. Veio a morte, por fim, arrancar-lhe o seu fiel Antonio. Conduziram-no para o hospital. Parece ter sido propheta do seu proprio destino, quando no Canto X lamenta Pacheco moribundo.



Que lhe restava? Morrer. Antes d'isso, porém, lhe reservava a sorte o mais acerbo dos padecimentos. Amava a patria com delirio, a engrandecêra, combatêra por ella... Que doce expirar vendo-a feliz!... Mas qual! Sô lhe faltava assistir ao desmoronamento da sua nacionalidade, digno remate d'aquella carreira de angustias. Viu-o.

## VI

**S**urdo aos conselhos assisados de sua mãe e dos seus, partira para a Africa d. Sebastião. O incendio do seu enthusiasmo, soprado do throno, se propagára pelo povo. Desprezára os avisos de d. João de Mascarenhas, velho e heroico defensor de Diu. Fez-lhe até a injuria de convocar um concilio de medicos, para saber se a coragem não arrefecia com os annos. Não levaram os seus nem munições nem armas, dizendo que bastavam cordas para amarrar os sarracenos. O rei conduzia comsigo um poeta, Diogo Bernardes, para lhe cantar as façanhas, ac-

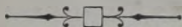
cusado, mais tarde, de haver apresentado poesias de Camões como proprias. A 4 de Agosto de 1578, foi encerrado o exercito portuguez em Alcacer-Quibir e desbaratado em quatro horas. Tres mil homens ficáram mortos. Prisioneiros, houve-os tantos que a esquadra, ancorada em Argila, não os pôde abrigar todos. O rei, ao menos, combateu como um bravo. Dando-se-lhe um cavallo para fugir, voltou ao forte do prélio e morreu. Portugal cobriu-se de crepe. Portuguezes houve que falleceram com a noticia. Philippe II estava imminente!!..

Camões se torcia no seu leito de dor, exclamando: « emfim acabarei a vida e verão todos que fui tão affeiçoado á minha patria que não sómente me contentei de morrer n'ella, mas de morrer com ella. » Expirou a 10 de Junho de 1580. Affirmam uns que n'uma casa pobre á rua de Santo Antonio 52 a 54, outros, entre os quaes frei José Indio, que no hospital. Voltaire o compara a Homero: viajou como elle, viveu e morreu na miseria, só tendo reputação, morto. Foi

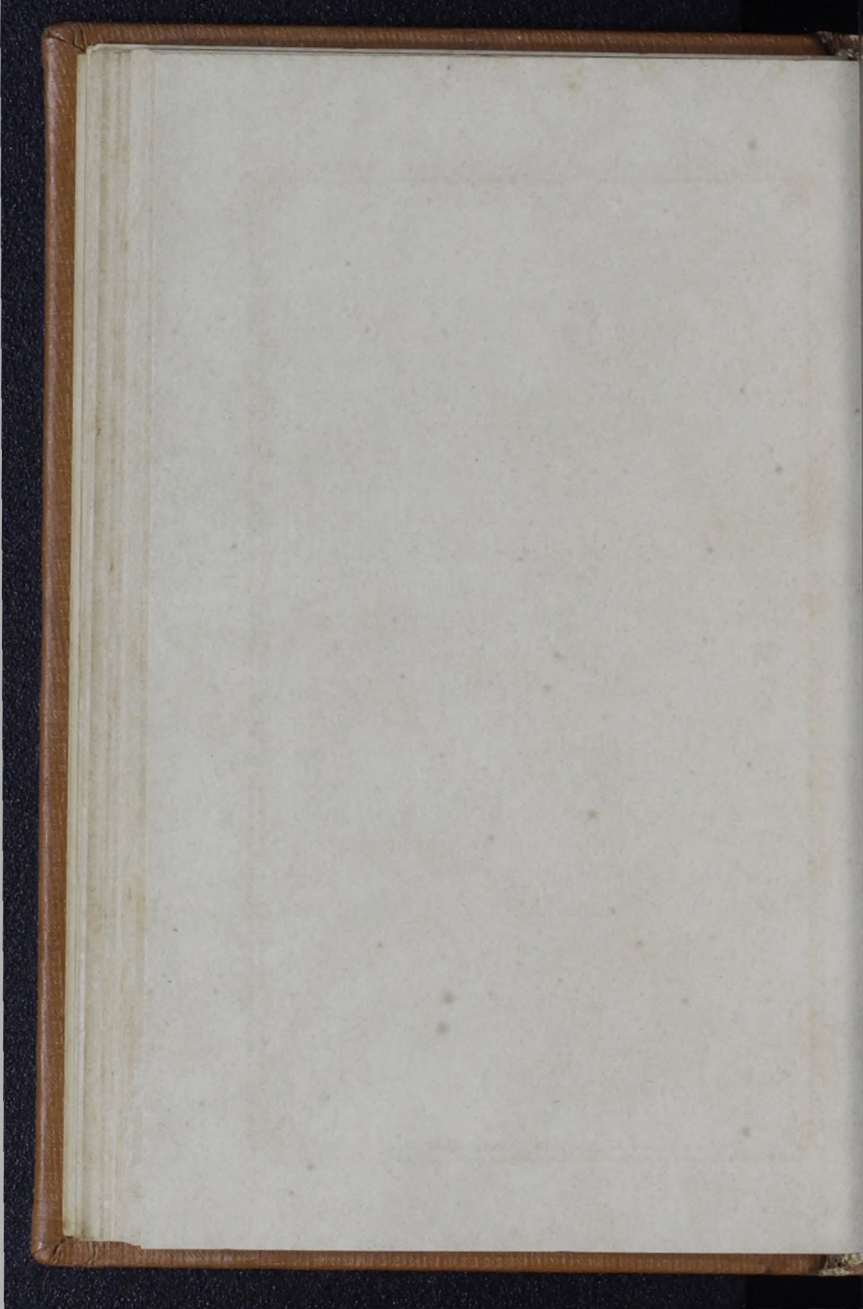
enterrado na egreja de Sant'Anna, á esquerda da entrada, sem monumento, nem epitaphio. O infante d. Henrique, que preferia a Camões Sá Miranda e Antonio Ferreira, nada fez. Só 16 annos depois, Gonçalo Coutinho, tendo descoberto, com extremo trabalho, o seu sepulcro, lhe transportou as cinzas para logar vizinho ao côro dos religiosos franciscanos e lhe compoz um epitaphio em que o declarava principe dos poetas de seu tempo. Na mesma data, o licenciado Fernão Rodrigues Lobo Soropita fez apparecer a primeira edição dos poemas diversos de Camões. Manuel de Souza Coutinho lhe escreveu uma outra inscripção tumular, figurando um dialogo, em latim, entre o tumulo e o transeunte, um tanto banal. O jesuita Matheus Cardoso, professor da universidade de Evora, compoz tambem um epitaphio com identico fim, onde ha um verso que indica já ter sido o poema, n'aquella data, traduzido em italiano, francez e hespanhol. O terramoto de Lisboa em 1755 atirou abaixo a egreja de Sant'Anna e fez desapparecer

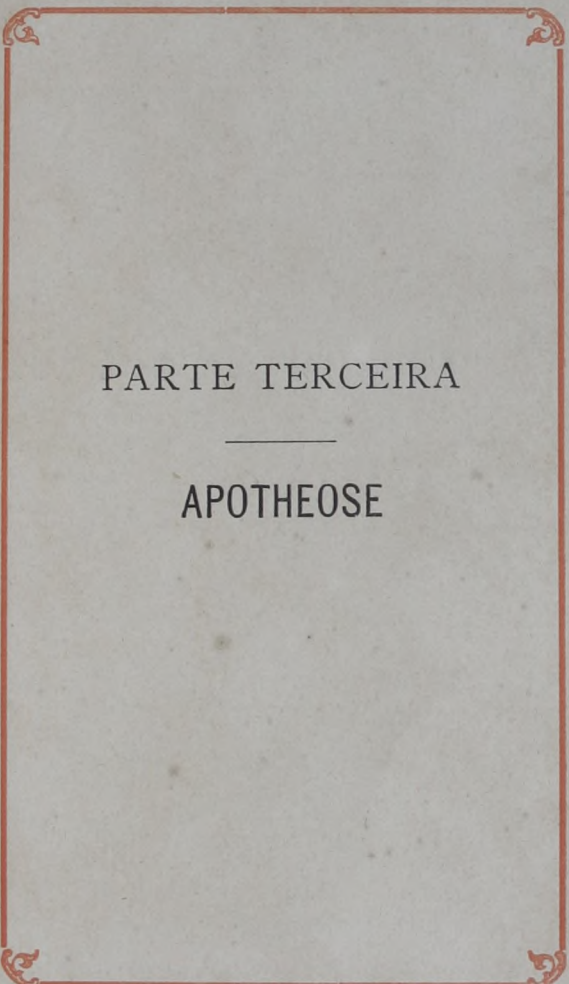
o tumulo. Por portaria de 30 de dezembro de 1854, el-rei d. Fernando, regente, encarregou uma commissão composta de Rodrigo da Fonseca Magalhães, presidente; visconde de Monção, relator; visconde de Juromenha; Carlos da Silva Maya e J. Maria Feijó, para, investigando seriamente, descobrir o tumulo de Camões. Depois de grandes trabalhos, achou alguns ossos que diz serem os d'elle. Onde, porém, o criterio seguro? Essa obscuridade é uma aureola. Deixem-lh'a.

Assim viveu um dos maiores poetas da humanidade, um dos eleitos que, na Arca da historia, arrostam o diluvio dos seculos. Principe chama-lhe o epitaphio de Gonçalo Coutinho. Um principe que morre de fome!!!... Verdade é que Christo tambem foi chamado rei, e Camões cingiu, como elle, uma coroa—a de espinhos!





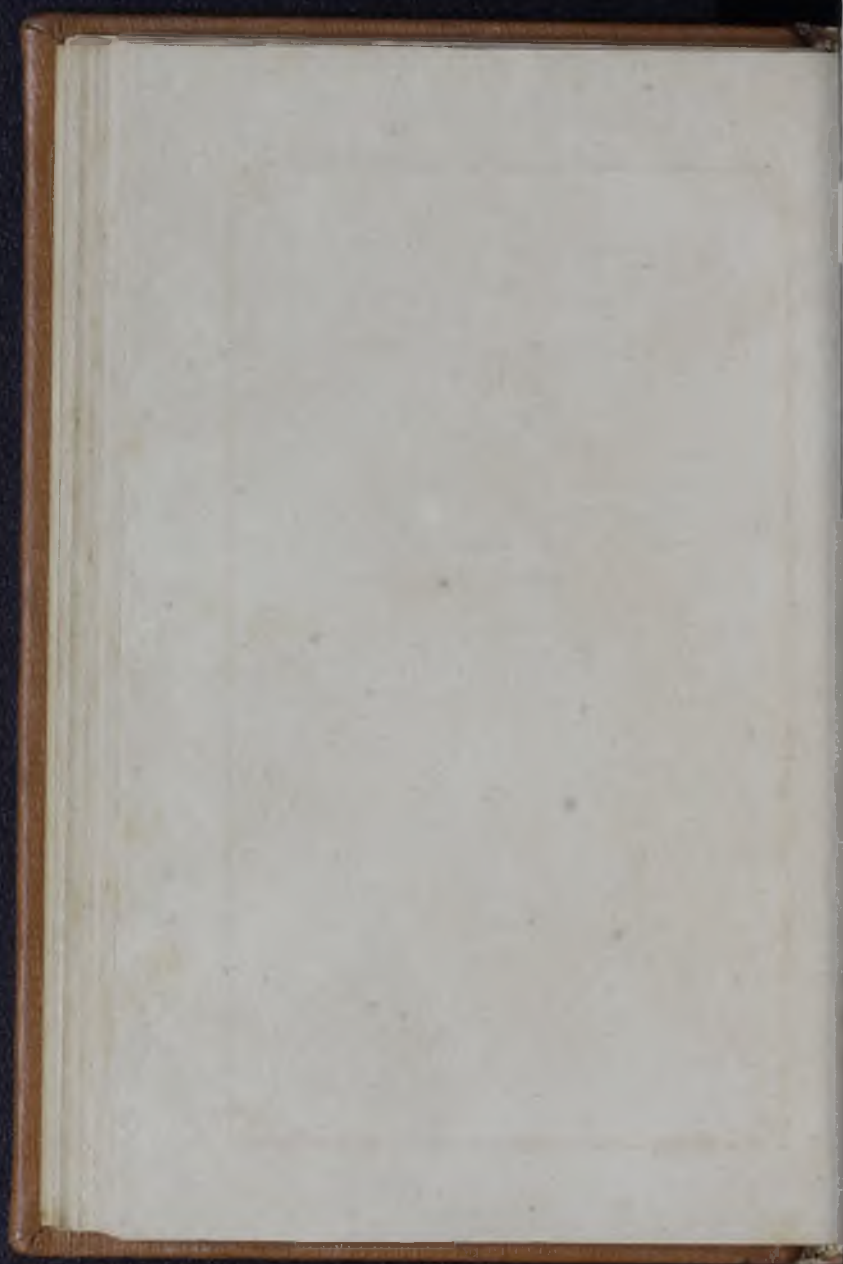




PARTE TERCEIRA

---

APOTHEOSE



I

**A** admiração não é critica. Com a convergencia das facultades pasmas para um ponto illuminado, não é licito á estreiteza do espirito humano fazer coincidir o esmerilhamento successivo da analyse. Um microscopio consciente, eis Aristarcho. Um magnetismo enlevador das forças da intelligencia, o deslumbramento. Os LUZIADAS, senha dada por Camões para ser admittido na arca dos eleitos, deslumbram. Como critical-os? Não ha laboratorio em que se possa fazer o exame chimico do sol. Onde a balança em que se pese o Himalaya? Quando muito, a trechos, em meio do turbilhão luminoso do offuscamento, soam timidamente breves exclamações da reflexão. Mas, qual o parecer do jury dos genios sobre a elevação de Camões ao seu gremio? Em imperfeito resumo, vejamol-o.

II

**A** qualidade mais ostensiva dos LUZIADAS consiste na unidade do seu plano.



Toda a acção se desenrola n'um navio, servindo de comparsas o céu e o mar. A equipagem desembarca em alguns portos, Moçambique, Melinde, Calicut, mas a viagem de Vasco da Gama, a descoberta das Indias, o facto mais memoravel da historia de Portugal, constitue o centro ao derredor do qual gyram os episodios. E' um drama historico a epopeia. O acto principal, a *scena-mater*, o coração do enredo, reside na viagem do Gama. Todos os factos se entroncam, como n'uma engrenagem, mathematicamente combinada. Se d. Manuel ordena que se passe o cabo das Tormentas é que herdou os grandes designios de d. João II. Este concebêra o plano, porque navegadores do seu paiz já haviam explorado parte da costa africana e descoberto as ilhas do Atlantico. De resto, havia-o precedido no throno uma caterva de homens illustres, sempre occupados de expulsar os mouros e de conter as ambições dos castelhanos. Assim, a concepção do poeta tudo abrange sem esforço, naturalmente.

Accusam-lhe as digressões. Exemplo : a do começo do canto VII, onde vem a descripção do estado da Europa no seculo XVI; as do fim de quasi todos os cantos em que abundam os conceitos moraes; a da narração do irmão do Gama, explicando as bandeiras portuguezas, bem como outras de menor monta. Quanto á primeira, cumpre lembrar que esse canto VII celebra a chegada dos portuguezes. A frota avista Calicut. E' o momento preciso de apreciar a importancia da expedição. O poeta quer fazer sobresahir a pouquidade dos emprehendedores ante a magnitude do commettimento. Religiosamente, então, a terra se dividia em duas grandes partes : oriente e occidente. N'uma os christãos desunidos; n'outra, os mahometanos sempre armados. A passagem do Cabo foi um golpe terrivel no poder musulmano. A expedição do Gama rivalisa em importancia com a das Cruzadas. E' admiravel que tivesse vingado n'ella a mais fraca das nações da Europa, abalando o imperio de Mahomet. O poeta não po-

dia quedar, indifferente a tal circumstancia. O quadro politico que elle traça fórma habil moldura necessaria.

Os conceitos philosophicos que terminam varios cantos encerram a moralidade larga de um espirito justo e levantado. Nada mais nobre do que, em pleno dominio da inquisição, aconselhar, em estrophes de energia profunda, não se deixe o joven monarcha avassalar pelos padres. Nesses dictames é que se revela a intervenção directa do artista na execução da obra d'arte. Substituem o côro das tragedias antigas. «O côro, diz Marmontel, deu logar nas peças modernas ás reflexões moraes.» São mais verosimeis, mais faceis de apprehender; manifestam, sem prejuizo do todo, a intenção infusa do auctor. A explicação das pinturas das bandeiras, é, não ha negar, uma repetição do que já dissera o Gama ao rei de Melinde. Tracta-se, porém, de elevar sempre o nome portuguez, e ao mais prevenido leitor não pôde passar despercebida a opulencia da imaginação, que apresenta reproducções dif-

ferentes e sempre ricas dos mesmos quadros. Em Melinde, prende a narração um fio logico ; em Malabar, compõe-se de telas isoladas. Dizem ainda alguns que deveria ella acabar no VIII canto.

A frota chega a Calicut. Está descoberta a India. Para que mais?—Na «Illiada», a acção termina igualmente com a morte de Heitor e, no entretanto, Homero, o mestre, consagra quasi dois cantos inteiros á descripção dos jogos celebrados em honra de Pactocle. Demais, a descoberta da India não está em seu termo, enquanto Portugal e o mundo não tiverem conhecimento d'ella. E' preciso que Vasco da Gama regresses ao Tejo. Só á ancora lançada ao fundo da bahia de Lisboa é que compete pôr o ponto final á epopeia. O canto IX soffre accusações acerbas. O abbade Delille, que, n'este ponto, copia La Harpe, o acoima de immoral e monstruoso. «Todas as descripções da ilha encantada, responde William Wickle, lembram as fórmas puras da Venus de Medicis. Não ha ahi as expressões ousadas de Milton e de Dan-



te. E' um parenthesis de amor, como o ha em todos os poemas epicos. Camões contava façanhas de homens. Seria incompleto e inverosimil se os pintasse vestaes. Ahi mesmo, de resto, Thetys, filha de Celus e de Vesta, conduz o Gama a uma alta montanha, lhe descobre o segredo do universo, o systema dos mundos e o manda partir para a patria. O hymno dos guerreiros com as Nereidas symbolisa o consorcio da coragem com a gloria, a expansão da materialidade, do *homo-sum*, junta ao justo galardão, a que os fortes hão jus. A objecção principal, porém, que se aventa contra os LUZIADAS, é a união da mythologia pagã com o symbolismo christão, a mistura de idéas heterogeneas, de crenças religiosas contradictorias. Voltaire, egualmente, nas suas allegorias, divinisa as paixões.

Na *Henriada*, a Politica, a Discordia, o Fanatismo, são divindades. Milton usou de anjos e demonios. Tasso lançou mão dos recursos da feitiçaria. Porque? Porque é da essencia do poema epico a ficção. Elle não tem fóros de historia. Tanto

melhor será, quanto mais larga a inspiração. Que vem a ser esta? Uma deslocação do pensamento do mundo real, creando, no terreno dos sonhos, uma patria para a phantasia. Camões tinha a escolher entre as fabulas antigas, a magia contemporanea, a theologia do christianismo e a philosophia dos personagens allegoricos. Voltaire, sectario da ultima escola, fez da « Henriada » um poema forçado, affectado e frio. Milton, com os seus demonios, restringiu o interesse da acção. O seu inferno só assusta christãos. Quanto lhe é superior Homero, apesar de escrever na aurora do mundo!... A theologia christã é por demais mystica, e, por isso, pouco adequada á epopeia. Fica mal o sangue e o rumor das grandes lutas, n'um solo inundado de lagrimas e onde só se escutam soluços hystericos. A intervenção do Olympo nos enredos da *Odysséa* e da *Illiada* sublimam a acção; tornam-n'a nobre, graciosa e de uma attracção soberba. Quiz imital-a Camões. Porque não emprega os sortilegios, como Tasso? Cum-

pre não esquecer que a inquisição dominava em 1572 e que á sua censura tinha de ser subjeito o poema. Qualquer allusão á magia, por leve que fosse, e a epopeia estava irremissivelmente perdida. A mythologia, feição risonha de um povo de artistas, quadrava mais á admissibilidade e ao character flexivel da acção. Stael sustenta que ao christianismo assenta representar o lado serio da vida e ao paganismo o pittoresco, o de festa, em que a imaginação galopa livre. A propria Thetys, no canto X, affirma ao Gama que ella e os seus companheiros não passam de creações abstractas de poetas. A alliança dos deuses pagãos e dos santos christãos não produz impressões desacordes. Une-os o mesmo laço, identifica-os a mesma origem metaphysica. Camões, demais, tinha motivos engenhosos para introduzir a mythologia no seu poema. Quiz, de certo, recordar a origem romana dos portuguezes. Marte e Venus não eram considerados só como divindades tutelares dos romanos. Eram tambem protectores de Portugal. Quanto

á rasão de alguns criticos de visar Camões á alliança das religiões orientaes com as occidentaes, sobre precoce, ha unanimidade em reconhecel-a infundada. Além de tudo, o poeta escrevia na Renascença, esse movimento geral de resurreição, cabendo-lhe o grande merito de haver inventado um maravilhoso proprio. Personifica o effeito das paixões. A ficção do Indus e do Ganges, apparecendo, em sonho, a d. Manuel, para lhe annunciarem a futura submissão do oriente, decorre naturalmente da superexcitação ambiciosa do rei, em cuja mente a hallucinação do somno transfigurava os projectos. A do gigante Adamastor, que surge tremendo da placidez das vagas mansas, corresponde ao estado do espirito dos navegantes, alarmados pelas legendas, tontos de desconhecido, indecisos entre a realidade do facto e a idealisação da phantasia. Outro dom admiravel do poeta é o da apropriação. Os discursos que abundam na narrativa são sempre adequados ao character de quem os profere. Exemplo : no II canto, o do



interprete da frota ao rei de Melinde. No IV, o de Nuno Alvares Pereira á assembléa de Coimbra. No VI, o de Bacho aos deuses do mar. No VIII, a defeza do Gama, perante o Samorim. Avulta em todos argumentação, logica, eloquencia, precisão, fidelidade historica. Ha no canto II, uma descripção perfeita dos trajos orientaes da epocha, em contraposição com a dos de um cavalheiro europeu no seculo XVI. A descripção de batalhas é feita sempre por novos e cada vez mais vigorosos pinceis. Na de Ourique predomina o espirito religioso. Na de Tarifa, o plano mais largo, comporta a pintura do character portuguez e do hespanhol. Na de Aljubarrota, condições diversas alteram opulentamente o scenario. Nos proprios ingratos detalhes geographicos e astronomicos se percebe a poderosa invenção. Compulse-se a passagem do canto III em que o Gama apresenta ao rei de Melinde o quadro da Europa; a do canto VI, onde vem a narração da derrota da armada; e a do canto X, onde lê-se a descripção geral do globo, segun-

do o systema peripatetico de Ptolomeu, o da epocha. Outra virtude do poeta : a imparcialidade. Não exagera : Epaminondas litterario. Ainda nos mais subidos arroubos da glorificação, dá a palavra á severidade cega da justiça. Assim, no meio dos mais altos encomios a Albuquerque, não deslembra o castigo barbaro infligido por elle a um pobre soldado. No canto III, do mesmo modo, ao passo que eleva aos astros Affonso Henriques, lhe profliga duramente a crueldade que teve para com d. Thereza, sua mãe. Não canta só ; julga. E' mais que um poeta, um historiador. Voltaire e La Harpe accusam-lhe a muita erudição que põe na bocca dos mouros, mórmente na de Monçaide, no canto VII, quando elle falla em Annibal e discorre sobre historia romana. Em primeiro logar, o papel de Monçaide é menos admiravel que o de Vafrin, na *Jerusalem Libertada*, esse es-cudeiro de Tancredo que fallava correntemente todas as linguas da Asia e da Africa. Voltaire, além de tudo, confunde os arabes mahometanos, illustrados e eru-

ditos, com os selvagens da parte meridional da Africa. Officioso seria encarecer o estylo elegante e puro da epopeia. Os mais ferrenhos accusadores rendem-lhe preito. A locução é sempre digna e desaffecteda. A expressão ennobrece, não raro, cousas vulgares e communs. Contribuiu enormemente para a formação da lingua. Humboldt diz que em Camões brilha o character de verdade que nasce de uma observação immediata. Sente-se um perfume de flores da India n'esse poema escripto na gruta de Macáo e nas Molucas. O enthusiasmo do poeta não altera a ordem dos phenomenos. A arte torna mais vivas as imagens. Camões é inimitavel quando pinta a correlação do céu e do mar, a harmonia das fórmulas das nuvens, as suas transformações successivas, o fogo electrico do Sant'Elmo, as trombas marinhas, os varios estados da superficie do oceano, canto V. Não é só um pintor de quadros isolados; abrange as grande massas, como no canto X, em que descripções dantescas se cruzam assombrosamente. Mais do que

tudo, porém, sobrelevando as descripções, os arroubos geniaes, as prophcias, os conselhos, o estylo, a concepção, tudo, destaca o amor da patria que anima todas as estrophes, como a alma errante da epopeia. Audacioso, desinteressado, erudito, eloquente, sentencioso, inspirado, grande, sobrenatural, merece occupar um degráu elevado no altar mór do templo da arte, Camões, o seu auctor. Eil-o, por isso, na Arca da historia, elevando nas mãos os LUZIADAS.

Sustenta a crença religiosa que, na hostia e no vinho consagrados, se incubam inteiros o corpo e o sangue de Christo. Assim, nas obras dos genios, a inspiração, esse eterno celleiro de Empyrios e Olympos !...

### III

**N**o apodo da inepcia vae implicita uma consagração. A blasphemia redundante em uma homenagem inconsciente ao poderio da divindade. O vigor do ataque constitue estalão seguro das forças do atacado. Para Gulliver que maior glorifica-

ção do seu porte do que a grita impo-  
tente dos Liliputs?.. « Zoilo é tão eter-  
no como Homero », diz Victor Hugo.  
A's vezes, tanto pó levanta, que até  
empna a limpidez dos espiritos de elei-  
ção. Exemplo: — « Shakspeare, susten-  
ta La Harpe, não passa de um grosseiro  
cortezão do profano vulgar. » Voltaire  
classifica o *Ecclesiaste* e o *Cantico dos*  
*Canticos* de obras sem ordem, cheias de  
imagens baixas e expressões grossciras.  
Racine desdenha Eschylo. Quintiliano  
affirma que não comprehende *Orestia*.  
Fontenelle tracta o auctor do «Prometheu»  
de louco. La Harpe escreve que nenhu-  
ma das comedias de Cervantes é suppor-  
tavel. Fenelon lamenta que Molière não  
soubesse escrever. « E' um histrião infame », diz d'elle Bossuet. « Um collegial  
não commetteria os erros de Milton », ex-  
clama o abbade Trublet. Corneille exage-  
ra, Shakspeare extravaga, repete Arouet.  
A *Euryanta*, obra prima de Weber, foi  
largo tempo conhecida por *L'Ennuyante*,  
a fastidiosa. Phidias? um alcovi-  
teiro... Socrates? um apostata, um la-



drão... Spinoza, um renegado. Dante, um concussionario. Miguel Angelo, apanhava bordoadas de Julio II e calava-se mediante dinheiro. Diderot, libertino. Voltaire, um avaro. Milton, venal. Rousseau, pae desnaturado, que engeitava os filhos. Byron, embriagava-se quotidianamente. Goethe, um covarde. O proprio Victor Hugo, que consagrou um livro a contrariar estes infames libellos, um doudo, um avaro, um egoista, uma pretenciosidade imaginosa e mais nada. E Camões?—Os LUZIADAS reanimaram a fibra nacional do povo. O bispo de Targa, frei Thomé de Faria, com 80 annos, traduziu-os para o latim para se consolar dos desastres da patria. No cerco de Columbo, os soldados cantavam estrophes inteiras, como um estribilho de coragem. Tasso affirma que as suas oitavas hão de ir mais longe que as náus do Gama. Chama Camões, na familiaridade genial, *el colto e buon Luigi*. Denomina-o Humboldt—o *Homero das linguas vivas*. Estão, entretanto crivados, auctor e poema, das injurias—hosan

nas das mediocridades. Durante o curto reinado do cardeal d. Henrique, não houve phariseu que lhes não atirasse a sua pedra. Parvos! Não calculavam que com ellas se formava uma eminencia, onde o accusado esperaria, sobrepujando a inundação dos tempos, o ingresso na Arca da historia. Quando Philipe II visitou Portugal subjugado, embellezaram-lhe um arco de triumpho com versos dos LUZIADAS!.. Em 1587 quatro estudantes intelligentes, de Evora, publicaram uma parodia ao canto primeiro da epopeia, em estylo-canalha, com o titulo—*Festas Barchanaes*. E José Agostinho de Macedo, esse avô de Eugenio Jacquot, chrismado para a verrina Eugenio de Mirecourt? Deixemol-o no abysmo do seu orgulho. O visconde de Castilho, o douto traductor de Ovidio, avançou não haver poeta na geração moderna que se não envergonhasse de assignar uma estrophe dos LUZIADAS! Não ha muito, emfim, no Rio de Janeiro, um litterato de nome, deu a lume uma edição do poema em que, na phrase d'elle,—vinham supprimidas

as estrophes livres, os trechos immoraes, para que donzellas e crianças o pudessem lêr!.. E que tal? Uns LUZIADAS virgens, familiares, vestaes! Camões castrado! Faltava-te mais este insulto, genio; esta profanação de que resulta maior aureola para a tua memoria, martyr!... Ao menos a este ultimo cabe a honraria de uma descoberta: revelou que os asnos tambem conhecem o pudor!..

#### IV

O caracteristico das obras geniaes é a sua perpetua juventude. Nascem no Eldorado da phantasia, e, mergulhadas na fonte da primavera eterna, atravessam os tempos, formosas, sorrindo, como Moyses as vagas do mar Vermelho. Não ha traça que as corrôa. A moda, esse sol postiço, longe de lhes patentear os anachronismos, se accende mais n'ellas, como a luz n'um diamante. Hontem e amanhã, essas ficções subjectivas da pouquidade para ellas não existem. Fixaram o hoje. Mudam-se as convenções. Ca-

hem os ministerios dos dogmas. Esgota-se a dynastia dos principios; e ellas, eternas, immutaveis sempre. Dom superno do genio: Fausto, d. Quixote, Orlando, Hamlet, Othelo, Romeu, d. Juan, personagens ficticios, possuem uma historia, uma familia, uma existencia, mais agitada, mais celebre, mais duradoura que a de muitos que viveram.

OS LUZIADAS, escriptos ha tresentos annos, guardam harmonia perfeita com as tendencias da epocha actual. Littré os compulsára do mesmo modo que o faria Lucrecio ou Euripides. Parece que os novos ideaes acham alli abrigo, connexidade, harmonia de aspirações, como Castor no seio de Pollux. Distinctivo supremo! A « Evangelina » de Longfellow tomaria por confidente Dido de Virgilio. Manfredo conversaria de bom grado com Prometheu. Qual o Thabor mais apropriado para a transfiguração de João Valjean, senão o esterquilinio de Job?... O seculo dezenove tem uma divisa em seu escudo: guerra á guerra. Ao antigo heroismo indicou-se um asylo de invalidos:

a recordação. A polvora não deve mais servir para carregar canhões, mas para fazer saltar obstaculos. Com as espadas não se decepem mais cabeças,—cortem-se nós gordios. A coragem mudou de bussola. A força despediu o *ciceroni* bruto das éras idas. Hoje a luta é pela paz, o combate pela conquista scientifica. Nos prelios, cujos tribunos são os canhões, o animo é insuflado, produzido; é antes um resultado de causas multiplas, do que uma espontaneidade instinctiva. O logar, o instincto da conservação, o exemplo, o enthusiasmo, a irreflexão, geram uma coragem fatal, inconsciente, e, por isso mesmo, menos meritoria. Vêde agora no centro da Africa um missionario sósinho, sem incentivo, sem armas, vendo o proprio céu alliar-se aos seus contrarios. David, só tem contra o immenso Goliath do perigo a funda elastica da sua fé. A natureza organisa contra elle o exercito dos elementos. As florestas, como Pandoras, lhe semeiam no caminho as pragas do Egypto. As feras lhe fazem emboscadas. Os rios conspi-



ram. As enfermidades, covardemente, o amarram ao poste das dores. O desconhecido lhe fura os olhos. A incerteza lhe arma torpedos. Seus pés sangram. Su'alma encanece. Que nuvem de fogo o norteia? A gloria? Essa, não póde descer do seu paço, para, em meio de um matagal de espinhos, andar ajuntando uns pobres ossos ennegrecidos. Não ha ahi a ordem do chefe, o impeto do ataque. O proprio corpo murmura. Revela-se uma rebelião no organismo. As pernas se recusam a marchar, as mãos a empunhar o cajado! A vista soffre syncope. Nos ouvidos sôa o murmurio confuso de uma onda que sóbe, a loucura! Socorro!.. Só lhe responde um echo rouquenho, gargalhada de um abysmo. E elle vae indo. Como Napoleão, com a pequena phalange dos seus esforços, desbarata a collisão armada de um continente. Como Alexandre, conquista, incruentamente, um mundo. Chóra, de novo, Cesar: um mendigo, um maltrapilho, um pariá, ultrapassou-te o soberbo *veni, vidi, vici!* Qual mais heroe? Annibal, Sci-

pião, Wellington, Condé, ou Stanley, Cameron, Levingston, Nordenskiöld? A sciencia, archonte actual, decide pelos segundos. Por isso, cantando Vasco da Gama, um descobridor, Camões é um poeta moderno. No meio dos athletas de agora, a sua epopeia não põe a nota discordante de um dorso curvado e de uma cabeça a pallidejar de cabellos brancos. Como Antheu, ao tocar o solo de cada novo seculo, recobra o perdido vigor. Sob o diadema de sóes, que lhe circumda a fronte, assoma cada vez mais e mais opulenta a cabelleira de Sansão! . .

## V

**N**o resumo da historia portugueza, feita pelo Gama, em que do envolucro poetico, transpira limpidamente a verdade, percebe-se a consagração de um principio, canonisado actualmente em dogma: a expressão atravez do temperamento. Gama, navegador, homem do mar, rivalisa em veracidade com João de Barros e Diogo do Couto e os excede em intenção.

Até bem pouco, a historia não passava de um morno amalgama de factos. Ninguém cuidava de apreciar a logica dos acontecimentos, servindo-se d'ella, como instrumento de triangulação, nas operações geodesicas dos programmas. Resumia-se tudo na chronologia dos reinados e das batalhas. No presente não se encherava uma consequencia, no futuro um resultado. Chamavam de retrocesso o caminho obliquo, mais seguro, não raro, negando, por isso, a evolução. A' historia, á prophetisa, á reveladora, á Hypathia perenne, só davam fóros de luxo erudito. Camões parece haver abarcado uma comprehensão mais alta e moderna. Narrando as façanhas dos seus avoengos, o Gama proclama a hereditariedade que o exalta. Os milagres, as tradições, as lendas que conta, são a photographia objectiva da alma popular. A confiança que mostra em si, o auxilio dos deuses, demonstram a subordinação do universo á vontade, a convergencia da imaginação e do positivo, do real e do ideal, para o mesmo fim: o progresso. Não se dá na

narrativa convenção alguma, mas o historico das phases d'ella. Vasco da Gama é apresentado inteiriço, com o seu character completo: forte, supersticioso, cavalheiro e audaz. Não se adivinhará n'isto tudo a germinação, ou antes a percepção antecipada, do que se chama hoje naturalismo? O genio é um telescopio. Serve de cavalgadura ao olhar observador pelas steppes da altura. Surprehende o gyro longinquo; penetra a elaboração do fêto de um sol, e, apprehendendo-lhe a feição futura do brilho, faz com que ella collabore na illuminação de sua obra.

## VI

**S**e o espirito do seculo habita uma escola, se ensinar é o seu objectivo, se conjuga eternamente o verbo aprender, se glosa, sem cessar, o mote de Gøthe: « luz, mais luz », ainda um reflexo antecipado d'elle anima os LUZIADAS. O livro que exalta o amor da patria, compativel com o brio dos servidores da nação; que engrandece a perseverança e a rigidez de



caracter ; que celebra a amizade e profliga a procrastinação ; que ennegrece a terrível desconfiança em que vivem os perversos, em contraposição com o fecundo amor ao trabalho ; que indica a boa reputação como o mais rico dos thesouros, a hospitalidade como um dever, a fama dos bons feitos como pura e nobre ; que vitupera o louvor em bocca propria, mostrando a importancia da educação dos paes aos filhos e a veneração devida áquelles e aos velhos ; que mostra como um rei fraco enfraquece um povo, como a guerra é a sementeira do horror, fazendo votos para que os homens se dêem as mãos para sempre ; que aconselha a brandura das fallas como de mais efficacia do que a imperiosidade, o desprezo da morte, o amor á verdade, o odio aos falladores, a virtude da humildade, junta á altaneria digna do caracter, a nobreza dos sentimentos, a condemnação do orgulho, o desdem aos cortezãos, aos padres, ás côrtes, ás palavras dobradas, aos vís ; que condemna a frivola desculpa do *não cuidei*, exclamando que toda



a terra serve de patria ao forte, a quem são desconhecidos o interesse mesquinho, a sêde de ouro, a adulação, o ocio, a flexibilidade moral, a ingratição; que doutrina a respeito dos deveres do mandante para com os subordinados, dos quaes deve de ser menos juiz que companheiro, a respeito da victoria sobre as paixões proprias, da fealdade da hypocrisia, da negrura da mentira; que é todo feito para o povo, bom, conselheiro, amigo, são, estimulante, doce, — é sem duvida um livro de ensino, uma Biblia da instrucção.

Pestalozzi, Frœbel, Max-Müller, Hippéau, Laveleye, bebem n'elle inspirações a largos haustos. E' que a Justiça, o Talento, a Virtude, formam a santissima trindade da civilisação. Tres pessoas distinctas n'uma só verdadeira: — Progresso. Uma, o Talento, desce á terra, transmigra-se. Camões assignala uma das suas metempsychoses! . . . Eis ahi.

## VII

**A** alma do seculo, porém, sustentam alguns, não é mais do que a dilatação

da de Newton. O seu espirito semelha uma locomotiva. Franklin dirige-o. Fulton prepara-o. Impelle-o a electricidade. No seu organismo, as machinas constituem os centros nervosos; os fios telegraphicos, as veias. Bate-lhe no peito o coração de Colombo e, na sua disparada, as descobertas são meras paradas, pequenas estações. « Toda a força », brada o machinista. « Avante », responde o trabalho, a flammejar na fornalha. Avante! Que de marcos fincados, que de distancia ainda a percorrer! Vejamos:—A luz electrica de Humphry Davy e o navio a vapor de Fulton. A locomotiva de Stephenson e a machina de costura de Stone e Enderson vulgarisada por Howe. A machina de tecer de Jacquard; a espingarda de percussão; a fiadeira de linho mechanica de Girard, a lampada hydrostatica do mesmo. O iodo descoberto por Courtois e o acido stearico de Chevreul, que trouxe o fabrico das velas de spermacete, em 1811. A lithotritia de Gruiithisen, a lampada de segurança de Davy. A auscultação applicada á medicina por

Lâenec em 1816; a chromolithographia descoberta por Senefelder em 1819; o electro-magnetismo por Ørsted no mesmo anno; a telegraphia electrica por Ampère; os pharoés lenticulares por Fresnel; o alcoometro por Gay-Lussac; a heliographia por Nièpce de S. Victor; o aluminium por Wöhler; a espingarda de agulha em 1827 por Dreyse; a hydrotherapia por Priessnitz; a locomotiva de Stephson em 1830, que assignalou a popularisação das estradas de ferro; os phosphoros em 1833; a photographia por Talbot; o revolver por Colt em 1836; a galvanoplastia por Jacobi em 1837; o algodão-polvora por Schoenbein em 1838; o stereoscopia por Wheatstone em 1838 tambem; o harmonium por Debain; a introdução da gutta-percha por Montgomery; a etherisação por Jackson em 1845; a descoberta das qualidades anesthesicas do chloroformio (inventado em 1831 por Soubeiran), por Flourens; as pontes tubulares de Stephson; o collodion por Meynard; o aparelho de indução de Rumkorff; o pantelegrapho de Casselli;

o motor a gaz de Lenoir; a photoscultura por Willeme; a analyse spectral por Bunsen e Kirchhoff em 1861; a espingarda Chassepot, em 1864; as metralhadoras attribuidas por uns ao coronel Vechére, por outros ao capitão Schultz, usadas pela primeira vez na guerra franco-prussiana; o aço de Bessmer; os canhões raiados; os couraçados de que foi primogenito a *Gloria*, fragata construida em 1855 por Dupuy de Lôme; a luz electrica de Jabloskoff; as filarias, descobertas por diversos medicos do mundo, completando-se mutuamente as observações, entre as quaes merecem menção as de Spencer-Coboldt em Londres e as do dr. Felicio dos Santos, no Rio de Janeiro; e, finalmente, as tres maravilhas da epocha, o telephone de Bell que creou a telegraphia do som; o microphono de Hughes que multiplicou a intensidade da vibração, como a lente o volume dos objectos; e o phonographo de Edison, essa assombrosa photographia da voz! . . .

Seculo gigante; seculo-officina! E, entretanto, no meio das rodas que se es-

torcem na epilepsia do afan, das molas que se movem nas convulsões do labor, como a musculatura do trabalho, Vasco da Gama, pela mão de Camões, passeia altaneiro e sereno, como um delegado influente n'um congresso de sabios irmãos!...

### VIII

Os grandes inventos, as descobertas celebres, as obras de arte, miram todas, fatalmente, a um elevado escopo: a fraternisação. A' solidariedade intellectual da apreciação succede a sympathia reciproca do sentimento. O mesmo fito congrega os olhares. A identidade do rumo congrega os caminheiros. A reflexão apprehende que a essencia 'é uma só e que toda a variedade é de fórma. Qual o resultado? A colligação necessaria de interesses, o amplexo das actividades moraes, o enfeixamento, ou antes a fusão das vidas particulares, na amplitude da existencia geral. Tudo vive. O ambiente, a atmospherã são amalgamas de



bacterios. Na agua succedem-se as gerações de infusorios. O homem não passa de uma aggregação de atomos, de uma confederação de grãos de pó. Nada se anniquila. Isso que a abstracção metaphysica denominou passamento, é apenas uma desunião, uma modificação da modalidade.

O homem nasce, isto é, reconhece a autonomia da colligação atomistica, chamada corpo, com uma somma de actividade a gastar. Cada dia que passa representa uma perda, uma parcella de morte. E' um erro dizer: tenho vinte annos de idade. Tenho morrido vinte annos, eis o certo. Logo, quando fallece, o homem não deixa de viver, — deixa de morrer. Mas, esses atomos? Vão aggregar-se a outros corpos, aos animaes, aos arbustos, aos infusorios, successivamente, com alternativas de regularidade fatal. A's vezes um atomo da massa encephalica de um sabio vae aninhar-se na cellula blastodermica de uma zebra e vice-versa. Que prova isso? A relação mutua que guarda tudo, o creado e o increado; a democracia da

organisação. Mas o espirito? Em ultima analyse não passa tambem de um aggregado de atomos pensantes. Divide-se como o corpo, e, no amago da sua constituição, em nada diversifica do mais. Dado mesmo que independa, que seja substancia á parte, o que poderá elle sem a aggregação harmonica dos atomos cerebraes? Do mesmo modo que Chopin não poderia tocar a um piano de cordas arrebetadas, a alma não póde funcionar n'um craneo em anarchia. *Quid inde?* A sua subjeição ao corpo, a cuja organisação fica adstricta, e, por conseguinte, o direito que tem a reflexão de formular a hypothese provavel de não ser ella mais do que um resultado do arranjo dos atomos. Claude Bernard, o grande physiologista, pegava de um coelho e, delicadamente, arrancava-lhe uma parcella da massa encephalica da parte posterior da cabeça, onde, no dizer dos phrenologos, residem as bossas da vontade. O coelho ficava logo de uma passividade, de uma subjeição consciente, mas irresistivel. Aproximava-se-lhe uma

véla. Elle reconhecia que se ia queimar. Gritava, estorcia-se; mas, a um olhar imperativo, incendiava-se, protestando por uivos. Por outro lado, se a parcella arrancada pertencia á parte anterior do craneo, séde das bossas intellectivas, a pobre victima perdia a noção de tudo, quedava na bestialidade completa, sem o proprio instincto da alimentação. Ora, a analyse chimica tem demonstrado que a substancia do encephalo humano é a mesma da dos irracionaes; logo, tudo é questão de organisação.

E Deus? E' uma idéa preconcebida de nossa perfeição futura. Certas faculdades mergulham, como um promontorio, no porvir. A intelligencia synthetisa, então, o aperfeiçoamento antevisto, e, á summa d'elle, denomina-a Deus. Deus, por conseguinte, existe e não existe. E' uma baliza que se afasta. Nós todos somos particulas d'elle. Se os povos, que viveram ha centenares de mil annos, pudessem antever a condensação metaphysica, abranger a fórmula do espirito do nosso seculo, exclamariam: Deus. Assim, nós para

com os vindouros. Deus, por isso, é fatal : tudo governa ; para elle tudo se dirige ; existiu, existirá ; mas tudo subjectivamente. E' perfeito ; é bom ; é justo : immenso, eterno, sabio, infinito. Mas o fim ? Eis uma outra idéa toda relativa e de existencia puramente subjectiva. Não ha principio, não ha fim, não ha tempo. O nosso intellecto é que só póde olhar para diante, voltando-se, quando o quizer fazer para traz. Dizemos então : hoje, amanhã, hontem. Defeito de instrumento ; mais nada. Os grandes genios, Dante, Camões, Hugo, são manifestações de Deus. Nas suas obras, como o alcance é mais largo, ha maior colligação. Criam affinidades ; fraternisam. Amaram infinitos com grillhões de futuro. Assentam a humanidade no solio ainda tepido de Deus.

## IX

Um dia, portanto, a raça humana se unirá toda. Primeira phase de fraternisação. Romper-se-hão as linhas limitro-

phes das nações. Não haverá povos, mas homens; não haverá homens, mas diversas modalidades de átomos eguaes. Supprimir-se-ha a distancia, e, por conseguinte, o espaço. O que separa um corpo de outro? O ar. Mas o ar é uma condensação de átomos invisíveis, mas átomos, em summa, identicos aos visíveis. Determine-se a relação entre uns e outros e a uniformisação triumphará. Não era esse, porém, o pensamento do padre Secchi? Não. Elle queria uma enorme massa compacta. A do porvir, será uma confederação autonómica em que a complexidade total comportará a autonomia dos individuos. Acabará o egoismo romantico das familias, o prestigio phantasista das patrias. Será bairrismo dizer: sou de tal continente. «Somos da terra», eis ahí. Não mais a auctoridade, porque os mesmos intuitos acarretarão o equilibrio entre direitos e deveres. Não mais a linguagem. A palavra constitue prova plena de pouquidade, de atrazo. Affirmam que ella é a interprete do pensamento. Não ha tal. O pensamento é simultaneo; ella é suc-



cessiva. O pensamento não conhece tempo; ella necessita dessa ficção, constituindo-a até. Termos não são idéas. Conversar actualmente é:—1.º) achar sons que representem aproximadamente o que pensamos, dividindo em parcelas o monolitho da idéa, para que cada uma vá por sua vez n'um vehiculo proprio, a palavra;—2.º) emittir esses sons;—3.º) fazel-os vibrar certas teclas no pensamento do interlocutor;—4.º) esperar que da vibração d'essas teclas surja a idéa completa, o primitivo monolitho perfeito. Que de delongas!... Como e pelo que, porém, substituir a linguagem? Pela musica;— não a expressão vaga e indefinida de certos sentimentos mais ostensivos; mas a traducção emmaranhada, complicada, de uma confusão explicita, do turbilhonar incessante do espirito. Ache-se, ou antes, positive-se a connexão entre o som e a idéa e ahi está a linguagem do futuro. Até lá, a musica tem um papel importante a desempenhar na educação. Com ella se podem modificar e formar os caracteres. Dependendo tudo

de um arranjo de atomos e consistindo o som n'uma vibração percussoria d'elles, claro está que o som póde determinar a natureza e a fôrma do arranjo. A prova d'isso está na differença dos espiritos, consoante o clima, o aspecto geral da natureza, as erupções vulcanicas ou as tempestades dos respectivos paizes. Subjeitem, pois, o encephalo amoldavel de um recém-nascido ao regimen dissolvente da melodia italiana, e nos seus primeiros vagidos balbuciará uma inflexão piégas, cujo desenvolvimento, se attingir a cuspide da expansão, será um Sosias da de Lamartine. Façam-lhe ouvir, ao contrario quotidianamente a *Marselheza* e no brilho indistincto dos seus olhos se perceberá, desde logo, o despertar de uma aurora revolucionaria! ...

## X

O atomo está na mollecula; esta, na cellula; esta, no corpo; este, no planeta; este, na constellação; esta, na nebulosa; esta, no espaço. O espaço não

é mais do que uma dilatação interminada dos átomos, como o átomo uma concentração do espaço. Todos entretêm relações estritamente reciprocas. O átomo é um sol de outros átomos infinitamente menores e estes por sua vez de outros. O sol é um átomo da nebulosa, como, esta de outras infinitamente maiores successivamente. Logo, da primeira phase da confraternisação, a da terra, derivará para nós, logicamente, a segunda,—a dos astros.

Mas, a habitabilidade dos mundos?... Desde que lá ha átomos, nada mais se precisa indagar. Todo o resto é uma pura e simples questão de fórma. O infinitesimo grande e o infinitesimo pequeno se abraçarão. O Zenith e o Nadir apertar-se-hão as mãos, enquanto Pelion e Ossa, as duas montanhas superpostas pelos Titans para escalar o céu, unir-se-hão para formar uma enorme tribuna, em que lampeje o Demosthenes da confraternisação!...

XI

Utopia? Mas o que é ella senão uma das fórmulas do ideal, de cujos característicos todos participa?... Todo o possível não realizado, ou ainda em embrião de realidade, se filia á familia do ideal, á especie da utopia. A consciencia moral, o raciocinio, a logica, servem-se do ideal possível, e pois, emquanto tal, da utopia. A differença reside apenas na extensão. Ha duas especies de hypotheses: a scientifica e a phantasista. A' primeira constroem-se alicerces de bronze e não é perigoso subir. As segundas vogam, como um balão, á mercê de todos os ventos. Nas primeiras, amarrado á terra firme, por um cabo flexivel, o mergulhador póde impunemente arrojarse ao fundo do pégo, para pescar-lhe as riquezas. Nas segundas, breve lhe falta o ar: afunda. Qu'importa, portanto, ás primeiras que os timidos, os que receiam o enjôo e soffrem ataques de nervos, clamen sempre que se renova a tentativa?... Deixal-os. A utopia encerra uma

manifestação prophetica, uma antecipação. O *Argenis* de Barclay; A *Oceana* de Harrington; *Salento* de Telemaco; os *Colloquios de Phocion* do Abbade Mably; A *Arcadia* de Bernardin de Saint-Pierre; a *Icaria* de Cadet, concorrem com a sua cavilha para a construcção da grande náu que levará, pelos tempos fóra, novos tripolantes para a Arca da historia. Antes d'isso, como todas as idéas, ellas têm de passar por tres phases, soffrer o ataque de uma bateria triplice: o ridiculo, o insulto, a discussão. Na primeira, fallará a imbecillidade superficial que rejeita toda a innovação *in limine*, para não se dar ao trabalho de reflectir. Predominará, na segunda, o despeito desconcertado das mediocridades empantufadas, cujos frageis castellos ruem ao robusto sopro do novo norte. Finalmente, a terceira, assignalará o combate da lealdade conquistada, da sympathia tornada em convicção, contra a má fé de uns e o arraigamento retrogrado de outros. E, como de toda a grande discussão resulta inevitavel-



mente uma anarchia mental, um verdadeiro cahos, o Progresso, santo espirito que pairava sobre ella, pronunciará emfim o seu triumpho, exclamando de novo: *fiat lux!* . . .

## XII

**N**o pico dos altos montes habita a vertigem. No cimo dos grandes genios, o deslumbramento. A subida é difficil, ingreme a ladeira, ardua a comprehensão. As escarpas que se aprumam, os syllogismos que se desenrolam interminos; as verdades agrestes, os paradoxos, os espinhos, os seixos que escorcham os pés, as verdades que fazem sangrar a alma; o vento que abala o corpo e o sopro genial que derruba as metropoles de milhares de crenças; os tufos de vegetação escura, ninhos de serpentes e onde os abutres vão devorar tranquillamente o lanho sangrento da carniça, e as digressões phantasticas, onde o mysterio resona, mastigando retalhos de phrases incomprehen-siveis; as pedras que rolam da altura, como impellidas pela funda de algum

genio invisível, ou como as mensagens da nuvem ao pégo, e as deducções que se precipitam de cima, arrastando consigo um torvelinho de idéas luminosas, semelhando uma bolsa de astros, cujo bojo ao pezo se rompesse, tombando elles pela fresta, esparsos, em confusão; o sol que repercute na armadura da pedra e expelle, de cançado, um soluço de fogo, e a investigação repellida pelo desconhecido, incendiando-se em conjecturas inflammadas; os arquejos, o cansaço, a febre, as quédas, os escorregamentos, as feridas, as carnes raladas no agudo das fragas, os devaneios rasgados na ponta das realidades, a bagagem perdida, as convicções abaladas, o desejo de voltar, os zig-zags ascensorios, o arrependimento, as pragas; e, em cima, na esplanada do cume, o grito de entusiasmo ante a perspectiva que se estende, o brado de triumpho, o *Terra!* de Colombo, o *Eureka!* de Archimedes, o *Emfim!* synthese compensadora da lucta, a cidade que pontilha de branco o quadro do prado, as casas parecidas com pequenos ni-

nhos alvos, a vizinhança dos nimbos, a frescura do ambiente, o alargamento da vista, e, ao longe o mar, murmurando, baixinho, com medo, com as suas velas alvejantes, parecidas com lenços de nymphas namoradas que nos dizem adeus, o fumo que ascende vagarosamente, tenue, azulado, como a ponta da clamylde de um anjo occulto, as povoações em torno, como pingos de cal n'uma téla verde, ou como pontos de giz n'uma pedra, o pastor que apascenta gravemente um rebanho microscopico;— tudo, emfim, visto pelo reverso de um binoculo; e, ao mesmo tempo, a vaga comprehensão da immensidade, a saturação do infinito, a respiração do illimitado, a tonteira da altura, a embriaguez da elevação, produzindo um desvario medonho, em que as nuvens, os montes, os rios, o mar, os campanarios que apontam mysteriosamente para o céu, com a torre esguia, semelhante a um dedo de pedra, dançam confusamente uma formidavel walsa macabra, o estremeccimento, o frenesi, o delirio, a attracção do abysmo, a vertigem, o deslum-

bramento:—eis o que se sente quando se sóbe ao Himalaya ou ao Monte Branco, quando se compulsa attentamente a «Divina Comedia», a «Comedia Humana», os LUZIADAS, «Othelo», «Hamlet» ou a «Biblia»!..

Cuidado, porém, com a quéda ou com a loucura: ha o mesmo perigo em pendurar-se da aresta dos precipicios que em debruçar-se dos genios!..

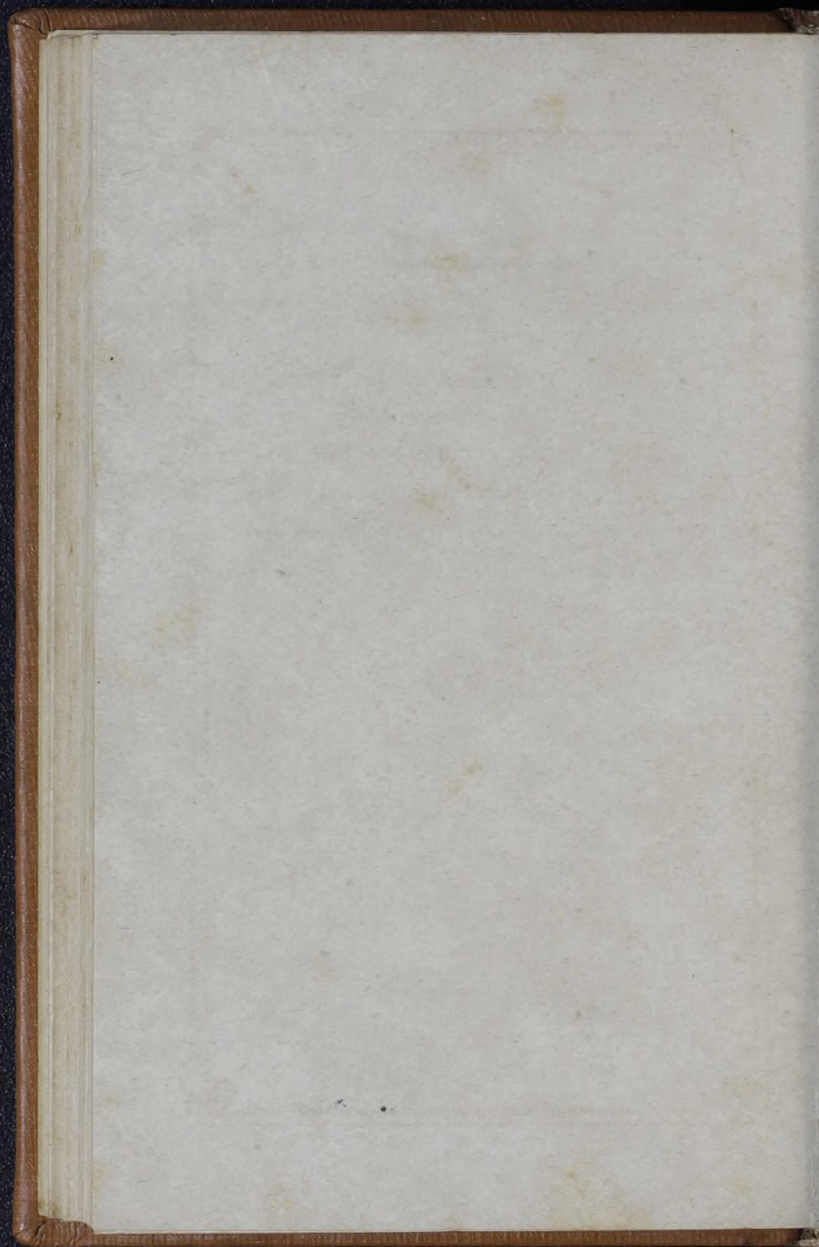


Lido-9-8-912-

Borís, m' Jupiter"

Entre as - 100







## LEIA-SE



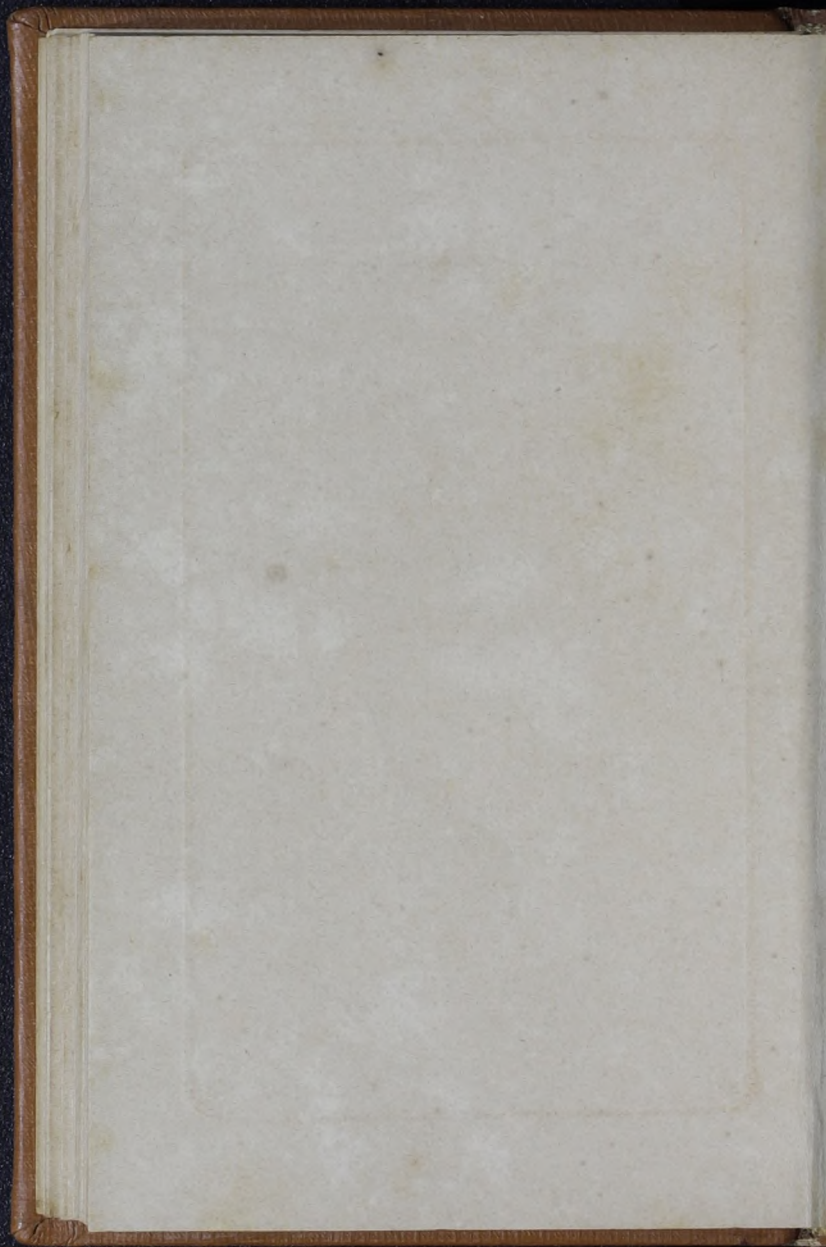
Se este livro—primeiro trabalho em prosa do auctor, arcabouço falho de um poema e onde vão esparsas muitas idéas que elle pretende desenvolver mais tarde, —merecer a attenção da critica, e se essa critica admittir desculpas, deverão os censores, antes de proferirem a sentença, attender a que :

1) O auctor completou vinte annos ha dous mezes ;

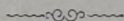
2) Todo este escripto foi elaborado em menos de quinze dias.

*S. Paulo, 8 de Maio de 1880. 10 horas e 5 minutos da noite. Rua do Triumpho n. 2.*





# INDICE



## *Parte Primeira*

AS ALMAS SYNTHESSES . . . . . 9

## *Parte Segunda*

AS ESCALAS DA IMMORTALIDADE . . . . . 47

## *Parte Terceira*

APOTHEOSE . . . . . 69

---

LEIA-SE . . . . . 113

